

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**TAFFAREL NOGUEIRA DE CARVALHO**

**ETNOCONHECIMENTOS NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DA PESCA NA  
COMUNIDADE INDÍGENA DE NOVO BRASÃO, TAUARÚ, DO MUNICÍPIO DE  
TABATINGA – AM**

**Tabatinga-AM  
2019**

**TAFFAREL NOGUEIRA DE CARVALHO**

**ETNOCONHECIMENTOS NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DA PESCA NA  
COMUNIDADE INDÍGENA DE NOVO BRASÃO TAUARÚ, DO MUNICÍPIO DE  
TABATINGA – AM**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC  
apresentado como requisito parcial para a obtenção  
de grau de licenciado em Pedagogia pela  
Universidade do Estado do Amazonas.

Orientador (a): Prof. Pedro Rapozo

**Tabatinga – AM  
2019**

**TAFFAREL NOGUEIRA DE CARVALHO**

**ETNOCONHECIMENTO NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DA PESCA NA  
COMUNIDADE INDÍGENA DE NOVO BRASÃO TAUARÚ, DO MUNICÍPIO DE  
TABATINGA – AM**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia  
pela Universidade do Estado do Amazonas.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2019

**BANCA AVALIADORA**

---

Prof. Dr. Pedro Henrique Coelho Rapozo  
Universidade do Estado do Amazonas/UEA

---

Prof. MsC. Reginaldo Conceição da Silva  
Universidade do Estado do Amazonas/UEA

---

Prof. MsC. Joabe Araújo dos Santos  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas/IFAM

**Tabatinga – AM  
2019**

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais Antovila Torres de Carvalho e Luzanhira Braga Nogueira; a meus irmãos que sempre estiveram ao meu lado; a minha esposa Juliana Nascimento e a meu filho (a) que me motivou mais ainda nesta jornada. A minha única avó, Orminda Almeida e também a os meus tios não citados, que me deram apoio nas horas que eu mais precisei; aos meus sogros, Jorge Célio Santos da Silva e Ana Pereira do Nascimento, por me auxiliarem em coisas que serei grato até o fim de minha vida. Ao professor Pedro Henrique Rapozo pelo apoio nessa longa caminhada e a todos os componentes do grupo de pesquisa do NESAM que me ajudaram a crescer no conhecimento científico.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por permitir o dom da vida, e por consentir chegar a um nível que muitos no país a fora, não conseguem ainda. Ir para Escola. Quero aqui agradecer mais ainda ao meu Deus, pelo ânimo, e a força que me concedeu para estar hoje, dando mais um passo nos degraus da grande escada do saber, e por não ter me abandonado nos momentos mais difíceis desta caminhada. Os momentos mais difíceis foram no começo, quando muitas das barreiras que pareciam intransponíveis, Deus me mostrou que, com ele tudo é possível, seja na terra, no fogo, ou no mar, ele capacita e blinda aqueles que confiam no seu nome. Diante dessas circunstâncias, todos os agradecimentos, e graças, dedico-as, ao meu Deus.

Por conseguinte, em uma jornada na sua reta final, também tiveram participações especiais, e nestas participações estão os respeitosos e honrados professores, que em muitas das vezes, cansados, estiveram disponíveis para esclarecer, e explicar assuntos duvidosos dos trabalhos, além destes, estavam sempre à disposição para ajudar, e melhorar o aprendizado. Programados com conteúdo ricos de informações necessárias, sempre estiveram com um sorriso no rosto, demonstrando alegria, e prazer por aquilo que fazem, para que alcançassem com seus entusiasmos o íntimo de cada um daqueles estavam na plateia, e fizeram com tanta dedicação, que um dos tais, escreve aqui com muita dedicação estas palavras agradecendo e reconhecendo cada segundo das aulas tidas por todo aqueles que fizeram parte do rol de educadores na formação Docente.

No entanto, fica também, aqui, os reconhecimentos e gratidão, ao grupo de professores pesquisadores, que auxiliaram e ampliaram mais o campo do conhecimento, através dos projetos desenvolvidos, das oficinas realizadas, no ambiente educacional, e fora dele, cada minuto foi importante para a construção da visão do mundo educacional, social e interativo.

Portanto, os sinceros agradecimentos ao Deus todo poderoso, ao rol de educadores, aos amigos inigualáveis, e aos amigos da escola, que são eles: faxineiros, vigias, cozinheiros e os demais que compõem esta lista, meu muito obrigado, e meus sinceros agradecimentos.

“Tudo posso naquele que me fortalece. ”

Filipenses 4-13.

## RESUMO

Este trabalho procura identificar o Etnoconhecimento utilizado nos processos de trabalho da pesca artesanal na comunidade indígena de várzea Tauarú, Novo Brasão em face da constituição do seu modo de vida local. Os objetivos específicos procuram caracterizar a formação sociohistórica da comunidade de Tauarú, bem como tipificar as técnicas utilizadas pelos pescadores artesanais no processo de pesca comercial e de subsistência e sua relação com os períodos hidrológicos, e quais os critérios da escolha dos apetrechos usados nesses períodos, e por fim descrever os principais ambientes aquáticos usados na captura do pescado e sua relação com o saber utilizado. A metodologia da pesquisa foi realizada através da perspectiva qualitativa e quantitativa, com o uso de entrevistas, observação e questionário socioeconômico. O estudo procura demonstrar as técnicas e formas de pesca da comunidade de Tauarú, seu conteúdo apresenta a maneira como as atividades de pesca são empregadas e como são envolvidas nos ambientes aquáticos de diversas localidades, em espaços de rios, lagos, ressacas e furos, assim como sua relação com as mudanças hidrológicas dos cursos dos rios e das intempéries do tempo. Enfatiza as problemáticas existentes nos ambientes de pesca, e a importância da mesma para a permanência e continuidade das próximas gerações beneficiadas pela pesca e agricultura na comunidade. Salienta o comprometimento dos pescadores na atividade pesqueira e seus conhecimentos tradicionais e aprimorados repassados por gerações através da educação informal.

**Palavras-Chave:** Pescadores, Etnoconhecimento, Processos de Trabalho, Povos Indígenas

## **RESUMEN**

Este documento busca identificar el etnoconocimiento utilizado en los procesos de trabajo de pesca artesanal en la comunidad indígena de llanuras aluviales Taurú, Novo Brasão, en vista de la constitución de su estilo de vida local. Los objetivos específicos buscan caracterizar la formación sociohistórica de la comunidad de Taurú, así como tipificar las técnicas utilizadas por los pescadores artesanales en el proceso de pesca comercial y de subsistencia y su relación con los períodos hidrológicos, y cuáles son los criterios para elegir el equipo utilizado en estos períodos, y finalmente describa los principales ambientes acuáticos utilizados para capturar peces y su relación con el conocimiento utilizado. La metodología de investigación se realizó a través de la perspectiva cualitativa y cuantitativa, utilizando entrevistas, observación y cuestionario socioeconómico. El estudio busca demostrar las técnicas y formas de pesca de la comunidad de Taurú, su contenido presenta la forma en que se emplean las actividades pesqueras y cómo se involucran en los entornos acuáticos de varios lugares, en espacios de ríos, lagos, resacas y agujeros. como su relación con los cambios hidrológicos de los cursos de ríos y el clima. Destaca los problemas existentes en los entornos de pesca y su importancia para la permanencia y continuidad de las próximas generaciones beneficiadas por la pesca y la agricultura en la comunidad. Destaca el compromiso de los pescadores con la pesca y su conocimiento tradicional y mejorado transmitido de generación en generación a través de la educación informal.

**Palabras clave:** Pescadores, etnología, procesos de trabajo, pueblos indígenas



## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01:</b> Identificando as espécies/ <b>Gráfico 02:</b> Fáceis de venda.....	36
<b>Gráfico 03:</b> Períodos em que deixam de pescar .....	37
<b>Gráfico 04:</b> Diminuição das espécies .....	37
<b>Gráfico 05:</b> Piores horários de pesca/ <b>Gráfico 06:</b> Melhores horários para pesca .....	38
<b>Gráfico 07:</b> Apetrechos utilizados na pesca .....	39
<b>Gráfico 08:</b> Extração de madeira/ <b>Gráfico 09:</b> Caça de animais .....	41
<b>Gráfico 10:</b> Pontos que diminuíram o pescado.....	44
<b>Gráfico 11:</b> Locais que estão diminuindo o pescado.....	46
<b>Gráfico 12:</b> Locais de captura das iscas .....	48

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Área de estudo da Pesquisa.....	15
<b>Figura 02:</b> Festejo da Santa Cruz 02-04-01/ <b>Figura 03:</b> Festejo da Santa Cruz 02-04-18 .....	25
<b>Figura 04:</b> Festejo da Santa Cruz 02-04-18/ <b>Figura 05:</b> Festejo da Santa Cruz 02-04-01 .....	25
<b>Figura 06:</b> Festa dos concludentes E.M.2018/ <b>Figura 07:</b> Concludentes 10-12-2018.....	26
<b>Figura 08:</b> Vista frontal da comunidade/ <b>Figura 09:</b> Foto da comunidade por satélite.....	27
<b>Figura 10:</b> Atividade educacional 7 de setembro 2018 .....	28
<b>Figura 11:</b> Escola Indígena Paraná da saudade .....	28
<b>Figura 12:</b> Aniversário da Santa Cruz/ <b>Figura 13:</b> Procissão da Santa Cruz .....	29
<b>Figura 14:</b> Comunidade na cheia de 2018/ <b>Figura 15:</b> Moradores se deslocando .....	30
<b>Figura 16:</b> Casa de reunião.....	30
<b>Figura 17:</b> Telefone orelhão .....	31
<b>Figura 18:</b> Pescador armando o espinhel/ <b>Figura 19:</b> Peixe capturado com espinhel.....	32
<b>Figura 20:</b> Pirarucu, Pirara, Surubim/ <b>Figura 21:</b> Peixe sendo limpo.....	33
<b>Figura 22:</b> Pescado preparado para venda.....	33
<b>Figura 23:</b> Tambaqui capturado pela malhadeira/ <b>Figura 24:</b> Peixe miúdo: Curimatã, bodó, traíra.....	34
<b>Figura 25:</b> Produção da Banana .....	35
<b>Figura 26:</b> Descrição da comunidade .....	51
<b>Figura 27:</b> Pontos de pesca.....	52

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	12
<b>OBJETIVOS</b> .....	14
Objetivo geral .....	14
Objetivos específicos.....	14
<b>METODOLOGIA</b> .....	14
Área de estudo .....	14
O método de abordagem.....	16
Procedimentos metodológicos .....	17
<b>CAPÍTULO 1 - A COMUNIDADE TAUARÚ: MODOS DE VIDA, ORGANIZAÇÃO SOCIOESPACIAL E FORMAÇÃO HISTÓRICA</b> .....	17
1.1 Modo de vida dos moradores na Atualidade .....	26
<b>CAPÍTULO 2 - TIPIFICAÇÃO DAS TÉCNICAS DE PESCA COMERCIAL E DE SUBSISTÊNCIA ENTRE OS MORADORES DA COMUNIDADE</b> .....	32
2.1 Tipificação das atividades de pesca.....	35
<b>CAPÍTULO 3 – OS SABERES SOBRE O AMBIENTE DE PESCA</b> .....	43
3.1 Representação dos Territórios de pesca entre os moradores da comunidade.....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	54
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	56

## INTRODUÇÃO

A pesca na Amazônia brasileira se instituiu como uma das atividades de trabalho mais significativa à compreensão do modo de vida material e simbólico das sociedades rurais locais, pois articulada a outras atividades polivalentes possibilita a produção e reprodução de um mundo e de um sistema de organização social.

Desta forma, O trabalho, como atividade humana, garante a reprodutibilidade das relações sociais, o sustento da vida e da geração de renda das comunidades rurais amazônicas, possibilitando relações específicas quanto a apropriação comum dos recursos naturais. Assim, o trabalho é entendido como um processo social mediado pela natureza que garante não só a constituição do mundo material, mas também a cultura, o modo de vida e manutenção das representações sociais produzidas e reproduzidas a partir do próprio trabalho. No modo de vida das comunidades do rio Solimões a atividade pesqueira também representa importante fonte de renda, possibilitando-nos uma percepção significativa sobre as relações estabelecidas entre ambiente e sociedade, mediado pelas relações sociais de trabalho, bem como pelas relações com o mercado (RAPOZO, 2015).

Neste sentido, este estudo procura compreender como se dão as relações sociais estabelecidas no trabalho da pesca em face da apropriação dos recursos pesqueiros e o mercado de comercialização na mesorregião do Alto-Solimões, especificamente em uma comunidade rural situada no município de Tabatinga. Desta forma, cabe compreender como o trabalho na pesca se configura não a partir dele mesmo, mas da maneira como ele constituiu e constitui os agentes sociais envolvidos – os pescadores e as características associadas ao mundo social da comunidade.

A polivalência nas atividades de trabalho do mundo rural amazônico, elemento característico destas sociedades, historicamente tem garantido a existência destes nos ecossistemas de várzea e terra-firme há séculos possibilitados pelos Inter fluxos entre as sociedades ameríndias e o colonialismo europeu, o que possibilitou melhores adaptabilidades, resiliência e racionalidade na gestão e uso compartilhado dos bens naturais comuns. As alternâncias sazonais e hidrológicas acabam por estabelecer fatores ecológicos limitante para a vida nos ambientes das várzeas do rio Solimões-Amazonas. Para Pereira (2007), esta dinâmica tem consequências fundamentais sobre as formas de vegetação que nela ocorre e sobre a distribuição das espécies historicamente utilizadas nas atividades humanas extrativistas, configurando daí atividades e relações de trabalho singulares ao modo de vida local.

Este complexo mosaico sócio e biodiverso possibilita um sistema de organização econômica, social, política e territorial, que se relaciona intrinsecamente com a natureza, por meio de uma rica teia de significados e, sobretudo de subsunção ao ambiente, na percepção de um espaço físico e simbólico, no contexto onde se dão as relações sociais, dentre elas aquelas ditadas pelo mercado local.

Neste contexto, os recursos pesqueiros aparecem como elementos que, ao garantirem como uma das inúmeras atividades do mundo rural do trabalho a existência do homem na várzea, engendraria relações sociais, valores, códigos e representações simbólicas, associadas ao uso social de ambientes comuns ou apropriados coletivamente, como rios, lagos, igarapés, destinados as atividades consumo e comercialização dados pela atividade pesqueira.

## **JUSTIFICATIVA**

O estudo sobre as relações estabelecidas no trabalho da pesca e o seu significado comercial na região do Alto-Solimões se apresenta como uma proposta de investigação associada ao projeto de pesquisa do Núcleo de Estudos Socioambientais da Amazônia – NESAM, contemplado pelo edital do **Programa de Apoio à Pesquisa – Universal Amazonas (edital n.030/2013 e processo aprovado Nº 062.00687/2015), intitulado “Mapeamento participativo e Identificação de Conflitos Socioambientais na Tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Peru: Elementos para políticas públicas na resolução e gestão dos recursos naturais de uso comum”**, onde destaca as relações existentes quanto ao uso social dos recursos naturais na região delimitada e envolvente nesta proposta.

Desta forma, a pesca na Amazônia pode ser pensada como um elemento que historicamente se configurou economicamente viável para as sociedades rurais, já que as mesmas há muito desenvolvem esta atividade, assim como para o desenvolvimento estratégico de um setor comercial significativo para as capitais da região norte do Brasil. Para Batista & Fabré (2003) o quadro socioeconômico de importância da pesca se mantém e se amplia, já que a dependência dos recursos pesqueiros se torna significativa uma vez que representa não só uma importante atividade para a geração de renda local, mas também fonte principal de proteínas para as famílias da região, sendo esta uma das últimas atividades do extrativismo animal em larga escala.

Na região do Alto-Solimões, onde a intensificação do mercado pesqueiro se dá pela forte relação comercial entre os municípios amazonenses e as cidades peruanas e colombianas, a pesca tem se traduzido tanto pela dinâmica econômica atrativa de exportação

quanto pela sob exploração e a pressão exercida sob os recursos pesqueiros nos rios e lagos da região, engendrando novas formas de relacionamento, aquelas estritamente comerciais e as que se apresentam em formato de conflitos socioambientais entre os agentes envolvidos, sendo de total importância sua compreensão.

Para Witkoski (2007) a pesca pode ser entendida como a atividade que fornece as bases protéicas do consumo de carne animal para parte considerável das famílias que habitam as sociedades rurais na Amazônia e, mais do que isso, sua importância nos espaços sociais comunitários vem reconfigurando-se dada as dinâmicas do setor comercial desta atividade enquanto trabalho e fonte de renda para estes sujeitos.

Na região estudada esta transformação tem implicado significativamente no uso dos territórios e nas inúmeras representações que estas possam abranger frente à apropriação e conhecimento destes recursos face aos processos de trabalho. Neste sentido, os usos dos espaços naturais para a pesca são pensados como resultados de manifestações das relações sociais em que o próprio processo de interação com o ambiente faz com que o homem crie e recree o espaço e a própria percepção do tempo, propiciando formas de interpretação da dinâmica do modo de vida da várzea amazônica possibilitados pelo conhecimento tradicional acumulado e a maneira como este conhecimento é aplicado no cotidiano do trabalho.

Cabe destacar que trabalho é entendido aqui como a relação metabólica e processual entre os homens mediado pela natureza, onde são compreendidas pelas forças produtivas (quanto a interação homem-natureza) e pelas relações sociais de produção (relações estabelecidas entre os homens), como meios materiais e intelectuais que os membros de uma sociedade implementam dentro dos diferentes processos de trabalho, a fim de trabalhar a natureza e extrair seus meios de vida, transformando-a em natureza socializada (MARX, 2002).

Na condição de destacar o trabalho da atividade pesqueira Muth (1996) e Petrere Jr. (1985;1989;1996) descrevem seis modalidades na bacia amazônica que indicam de fato o uso dos recursos pesqueiros, além da pesca relativa de subsistência e comércio praticada por grupos familiares e pequenas comunidades, coexistem a pesca comercial multiespecífica destinada ao abastecimento dos centros urbanos regionais e praticada por pescadores residentes nestes centros; a pesca comercial mono-específica ligada à exportação e dirigida à captura de bagres ou os chamados *peixes lisos*; a pesca em reservatórios resultantes da construção de grandes barragens e represas para a geração de energia elétrica; a pesca esportiva sendo praticada principalmente em rios de águas pretas; e, a pesca de peixes

ornamentais destinados à exportação e realizados predominantemente no rio Negro e seus afluentes. Desta forma, nosso estudo se delimita na atividade da pesca de subsistência e na pesca comercial monoespecífica dos bagres, sobretudo considerando sua importância comercial para a região e as formas de trabalho estabelecidas nesse processo.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Identificar o Etnoconhecimento utilizado nos processos de trabalho da pesca artesanal na comunidade Indígena de várzea NOVO BRASÃO antigo TAUARÚ, em face da constituição do modo de vida local

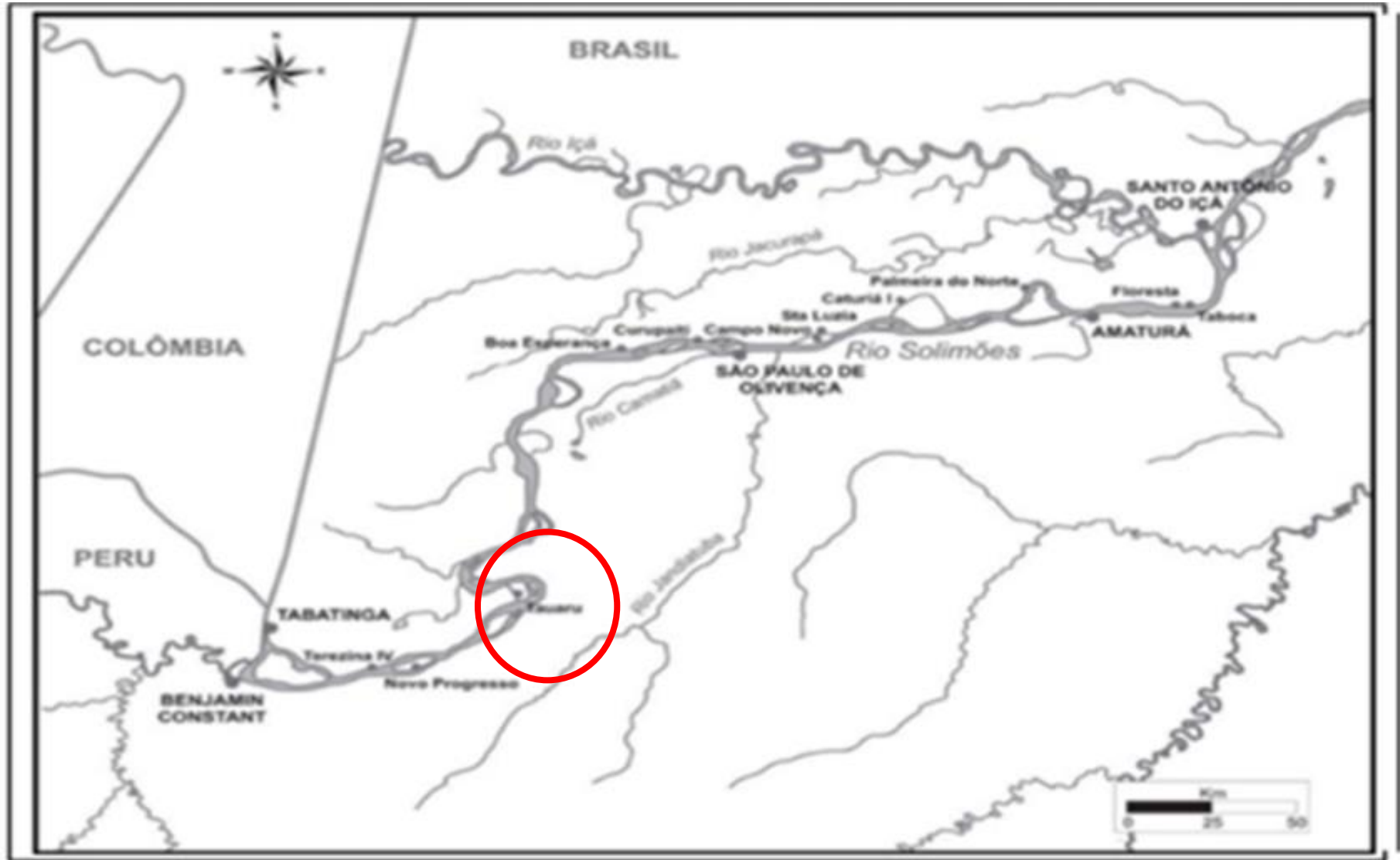
### **Objetivos específicos**

1. Caracterizar a formação sociohistórica da comunidade Tauarú.
2. Tipificar as técnicas utilizadas pelos pescadores artesanais no processo de pesca comercial e de subsistência e sua relação com os períodos hidrológicos, e quais os critérios da escolha dos apetrechos usados nesses períodos.
3. Descrever os principais ambientes aquáticos utilizados na captura do pescado e sua relação com o saber utilizado.

## **METODOLOGIA**

### **Área de estudo**

A pesquisa foi realizada na comunidade Tauarú localizada na mesorregião do Alto-Solimões no município de Tabatinga/Amazonas (Figura 01). Neste contexto, salientamos que o universo de pesquisa pretende envolver o número de 30 famílias, correspondendo a um número total de 30 questionários por unidade familiar aplicados, neste contexto destacamos que o critério de inclusão dos sujeitos envolvidos na obtenção das informações se deu por meio de indivíduos maiores de 18 anos cada, não sendo necessariamente pai ou mãe do grupo familiar, fora parte não houve critérios de exclusão, demarcando também que se trata de participação voluntária dos sujeitos da pesquisa



**Figura 01:** Área de estudo da Pesquisa.  
**Fonte:** CALLEGARI 2001.



## O método de abordagem

A realização das atividades de pesquisa se deu a partir do método de pesquisa qualitativa (TRIVIÑOS, 1987) e por meio do uso da *história oral e de história de vida*, através da memória social. A noção de memória social possibilita segundo Halbwachs (1990), uma interpretação da memória como uma construção coletiva sobre o passado feita a partir das condições sociais que o grupo vivencia no presente. Ao mesmo tempo, a lembrança do passado informa o grupo sobre o seu presente, de forma que passado e presente se constroem mutuamente – são socialmente percebidos por meio de informações que um projeta sobre o outro. Na sua função de explicar o presente, a memória (que às vezes se apresenta na forma de relatos míticos) equivale à herança de uma “lente cultural” que define a visão e a interpretação que o grupo pode ter sobre os fatos que.

Neste caso, é uma regra implícita pressupor uma memória partilhada entre os participantes em qualquer ordem social. Se as memórias que têm do passado da sociedade divergem, os seus membros não podem partilhar experiências ou opiniões. Esse efeito observa-se, talvez de forma mais evidente, quando a comunicação entre gerações é dificultada por diferentes conjuntos de memórias.

Cabe em um primeiro momento o levantamento bibliográfico dos conceitos em questão aplicando, sistematicamente, à delimitação do tema proposto, bem como a identificação das informações referentes à localidade onde se configurará o estudo, permitindo desta maneira o estabelecimento de um referencial teórico adequando-o à realidade da pesquisa.

A *observação participante*, como método etnográfico que consiste em uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989) do modo de vida dos sujeitos também possibilitará uma reflexão convergida ao cotidiano do local e, sistematicamente, contribuirá para uma análise do material obtido nas explicitações levantadas em dados (objetivos e subjetivos) que tendem a enriquecer a pesquisa.

Percebemos o caráter inerente da subjetividade intrínseca no processo de pesquisa do projeto, para tanto será utilizada a coleta de dados através da recolha de informações a partir de entrevistas, enfatizando a percepção intersubjetiva ou dialógica no qual se apresentará o diálogo, tem-se como objetivo resgatar, através da “informalidade”, dados que indiquem a relação do dia-a-dia dos sujeitos envolvidos na pesquisa e suas práticas relativas ao trabalho, ou seja, sua percepção de mundo vivido.

Em um segundo momento a coleta de dados será feita através da utilização de questionários consistindo em perguntas “abertas” e “fechadas”, por meio das questões fechadas pretende-se captar dados quantitativos com relação às atividades de trabalho do habitante local bem como sua caracterização familiar. Através das questões abertas procuraremos informações que possam mostrar a visão do modo de vida sua relação de trabalho com seu grupo – vizinhos, comunidades, instituições, etc.

### **Procedimentos metodológicos**

Para atender aos objetivos da pesquisa, foram adotados os seguintes procedimentos:

1. Levantamento bibliográfico, buscando os elementos teóricos que explicitem o problema a ser investigado e seus constituintes factuais.
2. Realização do pré-teste junto aos sujeitos da pesquisa. O objetivo desta etapa será testar os instrumentos de levantamento de dados, identificando e corrigindo suas limitações e imperfeições para melhor atender aos objetivos da pesquisa;
3. Realização de levantamento de dados primários. Nesta etapa serão utilizados os seguintes instrumentos:
  - O questionário conteve perguntas abertas e fechadas sobre o tema da pesquisa. A aplicação do questionário se deu tanto de forma individual como coletiva.
  - Diário de campo: anotação de informações adicionais durante as visitas.
  - Visita orientada: caminhada pela comunidade com as lideranças identificando os processos sociais de trabalho.
  - Interpretação de dados: apreender a partir dos dados obtidos com a pesquisa de campo como se dão as implicações referentes ao estudo executado.

## **CAPÍTULO 1 - A COMUNIDADE TAUARÚ: MODOS DE VIDA, ORGANIZAÇÃO SOCIOESPACIAL E FORMAÇÃO HISTÓRICA**

Este trabalho foi desenvolvido através de projetos e pesquisas realizadas no NESAM e parcerias que contribuíram para a realização de ações em prol do conhecimento científico especificando as grandes importâncias dos saberes tradicionais de um grupo pertencente aos inúmeros representantes espalhados nas calhas de rios, lagos e igarapés da Amazônia Ocidental, originando assim, a comunidade estudada.

A comunidade Tauarú, passou por três mudanças ideológicas e hidrológicas, até chegar ao nome de Novo Brasão. Em 1978 a comunidade teve o nome de Independência, nome dado pela família Gonçalo, que foi uma das primeiras famílias a morar no local. No início a comunidade que passou por três identidades, tinha em torno de duzentas pessoas que vieram de vários lugares, tanto do Brasil como de outros países vizinhos incluindo o Peru. Na comunidade independência as principais famílias que constituíam o local eram as famílias Gonçalo e Tananta, famílias que até hoje existem na comunidade chamada de Novo Brasão antigo Tauarú.

A partir de 1972 a comunidade que por sua vez, se chamou Tauarú, passa a ser nomeada para Novo Brasão. Nome dado pelo fundador da Ordem Cruzada, Católica, apostólica e Evangélica, que se chamou José Francisco da Cruz. Ordem criada no ano de 1962 no Sul de Minas Gerais, dando continuidade em um trajeto que levou muitos nativos ribeirinhos a seguir a Ordem. Nos meados de 1962 há 2000, o Alto Amazonas seguia com intensidade e respeito a Ordem deixada pelo fundador José Francisco da Cruz. Criou uma Sede Missionaria nos igarapés do Rio Juí nas proximidades de Santo Antônio do Içá, onde todos os que seguiam na época, visitavam o fundador durante três em três meses de cada ano. Eram instruídos á como seguir e como responderem pelos os atos que aconteciam nas comunidades e municípios que faziam; e fazem parte até hoje da Ordem fundada no ano de 1962 no Sul de Minas Gerais no Município de Noronha, que após alguns anos foi conhecido como cidade de Cristina.

A renomeação da fundação de Tauarú é 02 de abril de 1977, dia em que foi plantada a Cruz. Antes disso, os moradores da comunidade de Tauarú, viviam e seguiam os mesmos costumes das outras comunidades, festejando apenas as datas comemorativas como: 7 de setembro, e os Santos São Sebastião e São Pedro. Por muito tempo a comunidade seguiu esse ritmo de descontração em comemoração aos eventos citados acima, com a passagem do fundador José Francisco da Cruz, e a aceitação da Santa Cruz na comunidade, alguns costumes foram deixados de lado por intermédio dos rudimentos que o fundador deixou juntamente com presença da Santa Cruz na comunidade; as vestimentas foram adaptadas, o jogo de bola, as festas de finais de semana, e as comemorações festivas foram deixadas de lado, e toda dedicação e veneração voltaram para a igreja e a presença da santa cruz.

A Associação Missão Ordem Cruzada Católica Apostólica Evangélica, Igreja Madre Central do Brasil, Sendo fundada pelo pastor Padre Missioneiro vidente das três pessoas divina José Francisco da Cruz, missionário do Sagrado Coração de Jesus, apóstolo dos últimos tempos, O irmão José, foi tomando espaço; e dimensão nas comunidades ribeirinhas,

passando pelo Peru, Colômbia e Argentina até chegar ao Brasil, onde se situa a sede Central no rio Juí. As comunidades e municípios que aceitaram a Ordem Cruzada, Católica, Apostólica e Evangélica, até hoje estão marcadas pela imagem que José Francisco da Cruz deixou que é a Bíblia e a Cruz, juntamente com nove diretivas, constituídas pelo: Diretor, Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Pró-secretário, Tesoureiro, Delegado, Fiscal, Portavoz e os Guardas da comunidade.

Boa Vista, comunidade indígena que ficava nas proximidades de Tauarú, foi de onde veio a família dos Grandes, família que também originou Tauarú com os membros familiares. Neste intervalo de tempo, entre Tauarú e Boa Vista, tinha a Comunidade indígena Tamanduá que realizavam atividades da troca de alimentos produzido em cada comunidade, construindo entre elas um laço amigável e prático de si viver. As famílias dos Grandes migraram da sua terra natal Boa Vista, para a comunidade de Tauarú, por dois motivos significativos: O primeiro está ligado com a Educação, e o segundo relacionado com as intempéries do tempo.

Na comunidade indígena Boa Vista, não se falava em Educação, e a ocupação tanto dos jovens como dos adultos era voltada a pesca e agricultura e a caça, com o surgimento da comunidade de Tauarú, a família Grande migrou para melhorar as suas condições de vida, não somente a família grande como também a família Almeida que foi uma das famílias fundadoras da comunidade de Tauarú acompanhada pela família Evangelista.

Através de reuniões dos líderes das comunidades, foram selecionadas pessoas para educar as crianças do local, as pessoas eram pagas com o dinheiro arrecadado na própria comunidade. Assim, as crianças tinham acesso à educação e a comunidade em si, tomou progresso e respeito melhorando-se, com o ensino repassado pelo professor por nome de Gonçalo Evangelista de Almeida, cearense que chegou na região em 1908. Sendo o primeiro professor a dar aula na comunidade, lecionou em 1925 a 1954, nos meados de 1954 a 1970 a educação foi ministrada pelo filho de Gonçalo Evangelista de Almeida, por nome de Wilson Carvalho de Almeida.

Por vários motivos financeiros da comunidade a educação passou por várias mudanças repentinas em relação aos ministrantes, a partir dos anos de 1970 a 1972 o sistema educacional da comunidade segue-se pela professora Carmita Haiden Figueiredo mulher de Wilson Carvalho de Almeida. Já em 1972 até 1978, Antovila Torres de Carvalho sobrinho do casal Wilson Carvalho de Almeida e Carmita Haiden Figueiredo, da continuidade a educação na comunidade de Novo Brasão.

Com a caída das terras, caracterizada como as quedas de barranco, a comunidade de Tamanduá que era comunidade indígena, juntamente com Boa Vista e Independência mais tarde conhecida como Tauarú, sofreram estes impactos ambientais e foram atingidas obrigando os moradores a migrarem para outras terras e outros locais causando um fenômeno que custou o desaparecimento dos povos indígenas que viviam nas comunidades de Tamanduá e Boa Vista, com todo esses acontecimentos, alguns moradores de Tamanduá e Boa Vista, decidiram morar na comunidade de Tauarú que fica as margens esquerda do Rio Solimões, como isso, o número de moradores aumentou e a miscigenação do sangue cearense com o sangue indígena, originou a partir desse momento na comunidade.

Sendo que, Tauarú foi fundada primeiramente pela família Gonçalo Evangelista de Almeida, que se tornou seringueiro na região do Alto Javari, e ali casou-se com Francisca Maria Angélica, parceira mais velha e que também era cearense. Após o casamento tiveram cinco filhos: Ivo, Pedro, Oscar, Aloisio e Edson. Segundo Informações, dona Chiquinha como era chamada, em determinado momento adoeceu e pediu que Gonçalo encontrasse outra mulher por que ela não iria aguentar por ser mais velha que ele, a sua idade já lhe cobrava muito. Então o cearense Gonçalo arranjou-se com Dona Julia, com quem teve mais uma filha: Alcide.

Após ser traído por Dona Julia, deu peia nela e expulsou-a de casa. Casou-se pela terceira vez com Umbelina Xavier de Carvalho com quem teve 15 filhos. Segundo testemunhas Gonçalo não hesitava em usar violência, sabia orações para se proteger de seus inimigos e de tiros, até mesmo em derrubar pau. Antes da comunidade de Tauarú ser fundada Gonçalo e seus primeiros filhos já casados, viviam em uma propriedade pertencente a comunidade desde 1925. No aglomerado de 60 famílias que formava a comunidade de independência, os responsáveis pelas moradias no local eram maiorias filhos e netos de Gonçalo. Não é tarefa fácil entender ou descobrir como se formaram as comunidades ribeirinhas, é preciso um trabalho minucioso e bem elaborado para chegar aonde se quer chegar.

Vimos também que a maneira como os amazonidas vem conduzindo suas lutas políticas, por meio de mobilizações e entidades formalizadas, configura suas identidades coletivas (Almeida, 1994, 2008b). Mas como acontece o processo de construção dessas identidades? O que faz com que essas pessoas se mobilizem e se organizem em ações coletivas? O que são identidades coletivas? Não é tarefa fácil entender como as pessoas em si, criam seus princípios básicos de sobrevivência.

A formação da comunidade de Tauarú passou por muitas mudanças entre idas e vindas, causadas pelas quedas de barranco fazendo com que os moradores do local se deslocassem para várias partes da área pertencente à comunidade. A comunidade independente constituída por mais 60 famílias, nos meados dos anos 1970 a 1998 foi palco de muitas conquistas e explorações tanta pesqueira como extrativista.

Por ser um local reconhecido, o número de pessoas tanto brasileiros como peruanos e colombianos, iam em grande escala para o local com o intuito de explorar a grande quantidade de peixe concentrado na região da comunidade. Com o passar do tempo, esses recursos entraram em decadência, e as pessoas que na época faziam parte da construção da comunidade começaram a se deslocar para outras regiões, tendo como alvo o município de Tabatinga e a capital do município. Manaus.

Mesmo com essas mudanças hidrológicas, os moradores da comunidade, os que residem até hoje, começaram a desenvolver técnicas de sobrevivência para se manterem no local com suas famílias. Sendo que, a partir de 1993 a comunidade começou a sofrer mudanças que ocasionou o abandono por muitos moradores.

As várzeas do alto Solimões apresentam terras de formação instáveis, sujeitas a modificações constantes com a ocorrência da terra caída e de formação de praias e ilhas; e terras estáveis que sofrem poucas modificações. O fenômeno da terra caída tem causado a extinção de povoados e a mobilidade de outros, imprimindo uma dinâmica ambiental que altera a configuração da paisagem, influenciando o padrão de ocupação humana, a densidade populacional e o tipo de produção econômica. Nesse tipo de várzea a ocupação humana e as atividades econômicas são instáveis.

Sabemos que as comunidades ribeirinhas adotam um padrão de normas que possibilita um convívio entre todos com harmonia e pacificidade. As comunidades ribeirinhas em si, possuem um mecanismo interno de organização que as torna particulares e que lhes possibilita agirem em prol de suas necessidades. No alto Solimões a necessidade de recursos para manter suas famílias em boa condição ainda é algo a se desejar, pois a educação e a saúde são fatores que em muitas comunidades ribeirinhas não chega ao padrão adotado pelo governo.

A principal atividade econômica da região é a pesca, realizada no rio Solimões, para a captura de peixes das variadas espécies. A produção é vendida para os grandes comerciantes de peixe e se destina à exportação. Já a pesca de outras espécies menos valorizadas, “peixe miúdo”, tem sua produção voltada para abastecer a demanda de consumo dos mercados locais, sendo vendidas nos mercados e feiras abertas, geralmente localizadas nos portos.

As comunidades ribeirinhas hoje de certa forma, são privilegiadas por ações governamentais que amparam os moradores ribeirinhos. Disponibilizando recursos para influenciar os moradores em seus locais de vivência, juntamente com a FUNAI, outros programas de Governo são criados com o intuito de garantir ao morador ribeirinho sua permanência nos locais de trabalho. E esses privilégios entraram em pautas por pessoas da sociedade, alegando que os direitos são iguais e que o morador ribeirinho considerado indígena, deve ter o mesmo grau de responsabilidade e mérito quanto elas.

As comunidades ribeirinhas hoje estão com certo padrão adotado de vida que em muitas das vezes compromete a cultura e a tradição dos povos indígenas. Existem locais que hoje estão deixando de lado seus princípios pelas influências da sociedade, e isso acarreta certos problemas para os moradores locais que moram em uma comunidade. Uma comunidade ribeirinha não é apenas um assentamento rural, mais um emaranhado de conhecimentos e relações sociais fundadas por aqueles que estão dentro e fora dela, em um ambiente natural e ao mesmo tempo particular. A beira dos rios, com acesso direto com a mãe natureza. No depoimento de um dos moradores da comunidade, iremos ver como é a vida durante o ano todo.

Como é a vida aqui na Comunidade?

Bem, a vida aqui de nós tauaruenses aqui é sempre aquela, tem a época da pesca, ou seja, a gente vive nos dois. Quando está cheio a gente tá pescando, tem as épocas da pescaria também, quando o rio está cheio nós pescamos no igapó, e quando o rio enche que formam os igapós então é nesse período que a gente pesca mais para comer e vender peixe miúdo.

E quando o rio baixa a gente começa as plantações, nós plantamos macaxeira, milho, banana e por aí vai, enquanto está crescendo a maniva, que o rio está baixando, que é o começo do verão, como você morou aqui sabe, quando chegou aqui na época da seca, a gente está pescando nesse período enquanto as plantações estão crescendo. Quando chega o tempo da enchente de novo do inverno, aí nós começamos a colher as plantações, colher a roça, a banana e o milho, que as que dá mais rápido. Ai depois que colhe e se não alagar, se não encher bastante dá pra colher as plantas, a gente ainda escapa algumas plantações, agora se chegar à época dele encher bastante ele pode consumir as plantações que a gente tem.

Quais são as plantas que o senhor tem que colher com mais precisão?

A macaxeira. Ela não pode pegar água por que ela estraga rápido, vai para o barro aí a gente não consegue mais tirar.

Quanto tempo demora em a mandioca dar batata?

Tem vários tipos de mandioca, tem para um ano, a colheita dela para um ano, a mais fácil que a gente planta aqui é há de seis meses, aqui a varuda que chamam, é há seis meses conhecida naturalmente. Então essa aí, a gente planta que é mais fácil de colher, por que quando ela está com seis meses já dá pra gente fazer farinha. A outra é a 'panguana' que chamam é a mandioca amarela, eu não conheço essa muito, porque planto mais a de seis mês mais tem vários tipos de maniva que chamam agora essas aí são para um ano e demora mais.

Antes nós plantávamos mais a seis mês, porque dá mais fruto rápido, agora a pessoal plantam mais a panguana, pois é mais demorada, e dá tempo de fazer outras atividades, como a planta d banana, feijão, e caçar também.

(M.T. Morador e Pescador da comunidade, entrevista em abril de 2018)

Com esse depoimento podemos observar que os povos ribeirinhos nativos são bem determinados com seus conhecimentos para realizar atividades de agricultura, para os meses da cheia, período em que todas as terras da várzea estão inundadas. Dando prosseguimento nas conversas informais com o senhor Wilson carvalho de Almeida, ele diz que:

O que a comunidade plantava era o tabaco, feijão e roça, \* (a mesma mandioca). O que a comunidade plantava vendia, não tinha outro tipo de ação que a comunidade fazia, a não ser o cultivo da mandioca, o tabaco e o feijão. A pesca já surgiu de certos tempos pra cá né? Naquele tempo não tinha o patrão para comprar o peixe, o peixe que se vendia era a paraíba seca, e se secasse amarela era de segunda mão, com baixo valor, e era 60 cruzeiros o kl, agora de certo tempo pra cá que foi usado essa pesca de peixe que até hoje, cada dia existe mais, a farinha que você vendia o máximo era 10 reais o paneiro, o tabaco era 60 a arroba, e o feijão era 50 cruzeiro o quilo, e naquela época era tudo na base do cruzeiro, não tinha real, o real veio depois daquele tempo. (W.C.A. Morador Agricultor da comunidade, entrevista em abril de 2018).

Vamos acompanhar o depoimento de um dos moradores que é descendente de índios Peruano, o Senhor Manuel Curico que mora na comunidade desde sua infância quando veio com seu pai da cidade peruana de Moibamba e Chachapoya para morar nas regiões da comunidade de Novo Brasão. O depoimento do senhor Manoel é este:

Me pai é peruano. Meu pai veio da terra no Perú se chama Moiabamba Chachapoya. Em português se chama Moibamba. Saiu em 1905, com idade de 18 anos. Veio servir a pátria dele em iquitos, aí ele veio, deu baixa e tudo, aí contaram pra ele que aqui no Amazonas, no Brasil, tinha muito dinheiro, que dinheiro era jogado como folha. Eles vieram entre dois irmãos e três primos, da mesma família, do mesmo local onde moravam. Aí vieram para o rio javari, que naquele tempo, no Amazonas, estava o ouro mole, ou balata, como os peruanos conheciam. É um elástico que tiravam da árvore da seringueira, para exportar para o Peru. A Balata que era pro que se chama de chiclete. Aí ele ficou, foi e andou pelas regiões do baixo amazonas. Ai com três anos perdido, trabalhando no alto javari, eles estavam no Alto Jaripana, aí deram com os índios antigos. Aí eles foram, aí lá dentro do rio, faziam a madeira picada, é a madeira que fica em pique, já iam derrubando e sangrando, e tirando fazendo as pranchetas com leite, casca e tudo né, e tampavam. Ai, com 3 a 4 dias iam e tiravam tudo, enchendo os tanquinhos de leite coalhado. Iam lavam bem, tudinho com dizem, iam imprensar, pra mandar pro Peru, que era os trabalhos deles, eles eram trabalhadores. Ai com três anos, os índios se chegaram a eles, e eles foram atacados, um deles sofreu uma flechada de arco. Aí flechou o primo dele, aquela flecha pegou em três costelas dele, mais não feriu muito, mais o local da flechada ficou horrível. Aí se adoidaram, tudo, e naquele tempo não tinha motor, era só a remo, a voga, e aí o patrão, falara lá no alto javari, então levaram o caso ao patrão, naquele tempo não tinha rádio, telefone, era tudo por carta. Naquele tempo um patrão mandava no outro patrão, porque um tinha mais dinheiro do que o outro, e ai chegaram lá, pegaram o doente e saíram pra fora, mais ou menos seis horas de viagem, e vieram encostar a canoa em outro lugar deixado tudo, aí mandaram uma carta para meu tio e ai ele veio de lima e ele foi morar com ele lá em lima. E ele foi morar pra lá de novo.

(M.C. Morador e Pescador da comunidade. Entrevista em abril de 2018).

Como podemos observar no depoimento, o motivo dos membros da família do seu Manoel Curico vir para o Brasil, foi à falta de dinheiro, e a chegada de seu pai no Brasil, o direcionou a muitos desafios, até mesmo, arriscando sua vida. Sendo assim, a trajetória da



família de seu Manuel deu início no Auto Javari, região brasileira que até hoje é explorada por brasileiros e estrangeiros, com a extração de madeiras ilegais como na atividade de caça predatória, e o garimpo ilegal. Com o passar do tempo, com a estabilidade de muitos moradores, a comunidade de Tauarú começou a ter a presença das entidades governamentais, após muitas pelepas com as mudanças hidrológicas, no ano de 2000 a comunidade começou a ganhar formas de padronização e reconhecimento.

A educação na região começou a ganhar forma, o primeiro colégio surgiu com o intuito de alfabetizar tanto as crianças como os adultos, a saúde e os programas sociais, tais como, Pastoral da Criança começou a ser trabalhado na comunidade juntamente com os moradores e as organizações sociais do município de Tabatinga. Após o ponta pé inicial da Educação na comunidade, começou a surgir mais interação dos moradores com os órgãos que os visitavam, impulsionada a comunidade com Escola e Posto de Saúde, aos poucos os programas foram chegando e a comunidade foi ficando formalizada, ou seja, energia elétrica e posto de saúde juntamente com a escola, chegaram visando atender as necessidades dos moradores.

Neste período em que começou a surgir estes benefícios na comunidade, a educação foi um dos requisitos que mais contribuiu para os moradores, veio abrindo caminhos e despertando a vontade de muitos moradores a aprender além dos conhecimentos tradicionais. Em 2001, a comunidade começa a ser frequentada por diversos órgãos nacionais e do município, visando o incentivo dos moradores a produzir e criar naquele local, pois a criação de gado e o cultivo da mandioca e da banana foi certamente priorizada pelos órgãos como IDAM e o próprio Exército Brasileiro.

Um dos principais órgãos que até hoje frequenta a comunidade visando a criação de gado e reafirmando os laços entre as comunidades vizinhas através de reuniões, palestras e cursos preparatórios, é o IDAM, principal contribuinte de muitas atividades benéficas que já existiram e que existem na comunidade. A FUNAI, Fundação Nacional do Índio, em 2001 começa a desenvolver trabalhos minuciosos para oficializar a comunidade como indígena. Somente a partir de 2003 é que oficialmente a comunidade Novo Brasão antigo Tauarú é reconhecida em Brasília como área indígena e aí começaram a desenvolver várias reuniões e encontros para explicar os direitos que os moradores teriam a partir daquele momento.

Os responsáveis pela oficialização da comunidade como indígena, foram: Pedro Inácio, Pedro Severiano, Paulo Mendes, Oreliano Mendes e Enino Fernandes, estes juntamente com as nove diretivas que existem na comunidade, foram os que lutaram para que

a comunidade passasse a ser indígena, e o primeiro cacique foi nomeado, sendo este, Abenadá Costa de Almeida.

Agora veremos algumas imagens da comunidade em momentos distintos, realizando atividades religiosas da Santa Cruz:



**Figura 02:** Festejo da Santa Cruz 02-04-01  
**Fonte:** Trabalho de campo



**Figura 03:** Festejo da Santa Cruz 02-04-18  
**Fonte:** Trabalho de campo



**Figura 04:** Festejo da Santa Cruz 02-04-18  
**Fonte:** Trabalho de campo



**Figura 05:** Festejo da Santa Cruz 02-04-01  
**Fonte:** Trabalho de campo

As imagens nos mostram alguns espaços da comunidade, onde os moradores desenvolveram e desenvolvem até hoje os festejos da Santa Cruz que é comemorada no dia 2 de abril de cada ano. Se reúnem diversas comunidades para festejar a padroeira durante 4 dias de oração e cânticos. Dando continuidade desta ação cristã até os dias de hoje, promovendo interação com outras comunidades que fazem parte da Santa Cruz.

### 1.1 Modo de vida dos moradores na Atualidade

Os bens, produtos e manifestações culturais indígenas, além de contribuírem para com os processos comunitários de valorização dos saberes e práticas culturais, divulgarem as culturas Indígenas a desconstruírem estereótipos ainda vigentes no imaginário nacional sobre a figura do índio, também podem constituir uma fonte alternativa de geração de renda para as comunidades indígenas no Brasil. (BRASIL, 2012 p. 39).

Na comunidade indígena de Tauarú, os moradores locais buscaram e buscam alternativas de permanência de vida até hoje, na expectativa de uma vida equilibrada e acessível no que diz respeito aos fatores econômicos e sociais dos moradores. Sabe-se que, a atividade de pesca caça; e agricultura é uma ação que vêm atualizando a cada época de acordo com as mudanças climáticas e hidrológicas da comunidade. Os moradores, com o passar do tempo se reinventaram na busca de encontrar espaços de plantio, de pesca e caça nos ambientes pertencentes a comunidade.



**Figura 06:** Festa dos concludentes E.M.2018

**Fonte:** Trabalho de campo.



**Figura 07:** Concludentes 10-12-2018.

Os moradores hoje, vivem desenvolvendo suas atividades de subsistências traspassadas por décadas, técnicas e conhecimentos que se estabeleceram entre os moradores desde a fundação do local. As principais atividades de sobrevivência são estas: agricultura, criação de animais, caça; e pesca. Nestes três parâmetros, cada atividade é desenvolvida em períodos e estágios diferentes, o que os leva a se reinventarem nos períodos hidrológicos, sendo que a comunidade é localizada em uma área de várzea localizada as margens esquerdas do rio Solimões.

Na comunidade de indígena Novo Brasão, a agricultura é desenvolvida como uma das atividades principais pelos moradores, cultivando a mandioca, a banana, o arroz; e o feijão.

Cada elemento de subsistência, é aplicado em estágios diferentes do ano, aproveitando ao máximo as possibilidades que a natureza os possibilita. Utilizando também a criação de animais como a galinha, o pato; e o porco, animais que em momentos da escassez e nos períodos de proteção dos peixes, são utilizados em alguns casos como um meio de recursos financeiros e de consumo. A caça e a pesca quase se entrelaçam como as outras atividades praticadas pelos moradores, sendo a pesca, o fator primordial dos moradores da comunidade, sendo ela desenvolvida constantemente pelos mesmos. pois no mesmo instante em que pescam realizam as atividades de caça na procura de animais silvestres, como: o Mutum, Paca, Cutia, Anta, Capivara, Jacamim; e porco do mato.

Essa atividade de caça é realizada nas encostas dos rios, nos paranás, nos furos, ressacas; e igapós. Sendo que, a atividade mais praticada é a pesca, sendo esta, em muitos casos a principal atividade de renda e consumo dos moradores. Esta atividade envolve homens, mulheres e crianças, juntos compartilhando os mesmos saberes e técnicas que são aplicadas por gerações na comunidade. As margens do rio Solimões, a comunidade indígena Tauarú, se organiza com 82 famílias em uma extensão de terra de várzea equivalente à 40 mil metros quadrados cobrindo outras áreas das comunidades vizinhas que moram na mesma ilha. Os moradores e suas organizações políticas e sociais se identificam com casas habitadas, igreja religiosa, casa de reunião, escola municipal; e pequenos espaços improvisados utilizados para atividades de lazer e atividades festivas nos períodos de fim de ano quando os alunos concluem o ensino médio.



**Figura 08:** Vista frontal da comunidade  
**Fonte:** Trabalho de campo



**Figura 09:** Foto da comunidade por satélite  
**Fonte:** Trabalho de campo.





**Figura 10:** Atividade educacional 7 de setembro 2018  
**Fonte:** Trabalho de campo.

As imagens nos retratam a realidade e a organização de saberes educacionais dos moradores na comunidade. É possível observar a realização da cultura indígena empregada juntamente com outros rudimentos regidos no decorrer do tempo, trazidos por entidades políticas na intenção de melhoria na educação local. Além de podermos identificar a presença da cultura indígena, é possível observar imagens que nos mostram partes da comunidade como um todo tirada por satélite do *Google maps*.

A comunidade também se dispõe de uma escola municipal que atualmente cede espaço para o Estado, na intenção de preparar mais ainda seus filhos para um avanço e segurança na educação.



**Figura 11:** Escola Indígena Paraná da saude  
**Fonte:** Trabalho de campo

Esta é a escola que atende todos os jovens da comunidade, atualmente vem buscando novas parcerias com o Estado através do município para melhorar o espaço físico da escola com intuito de disponibilizar mais recursos para o aprimoramento dos saberes internos e externos da comunidade. O ambiente escolar se divide em 10 salas de aula atendendo crianças das series iniciais até ao ensino médio, juntos preparando jovens para um novo horizonte.

Na continuidade da organização religiosa da comunidade, a igreja da Santa Cruz se faz presente desenvolvendo trabalhos missionários e cristãos, para que a harmonia seja completa entre conterrâneos e vizinhos das comunidades próximas.



**Figura 12:** Aniversário da Santa Cruz  
**Fonte:** Trabalho de campo



**Figura 13:** Procissão da Santa Cruz  
**Fonte:** Trabalho de campo

Esta é a pratica religiosa desenvolvida pelos moradores locais que é realizada todos os anos sempre nos dias 02 de abril de cada ano, data em que foi plantada a Cruz na comunidade. Esta prática conhecida como procissão, é feita do começo da comunidade até o final, onde todos os moradores presentes e visitantes, fazem esse trajeto festejando a oportunidade da graça de Deus e lembrando a morte de Jesus Cristo em nome de todos.

Estas são imagens da comunidade no período da seca quando é realizada a festa da Santa Cruz, onde a comunidade recepciona muitas pessoas que vêm na curiosidade de conhecer e também de festejar, uma vez que muitos dos que visitam, são os mesmos congregados na mesma religião.

Agora é possível ter outra visão de como fica a comunidade no período da cheia, os moradores são obrigados a se reinventarem no espaço onde vivem, realizando práticas que os levam a passarem todo o inverno em seus ambientes para não perderem o pouco de bens que já alcançaram.

Estas atividades de permanencia na comunidade, vai desde a confecção de canoas, remos, utensílios de sobrevivência como a confecção de balsas flutuantes para a moradia de

animais e de pessoas também. Esta é a realidade de muitos moradores da várzea, muitos arriscam suas vidas as margens dos rios para manterem suas famílias longe dos caos e dos trânsitos frenéticos das grandes cidades. Levando em conta, a violência e a insegurança de viver nas cidades urbanas. Mais com todas essas dificuldades enfrentadas a cada ano, é para eles uma fase que não causa muita preocupação, pois se reinventam todos os anos nos períodos de seca e cheia permanecendo em seus espaços com as atividades agrícolas, pesqueiras extrativistas, pecuárias e madeireiras ao longo do rio Solimões.



**Figura 14:** Comunidade na cheia de 2018  
**Fonte:** Trabalho de campo



**Figura 15:** Moradores se deslocando  
**Fonte:** Trabalho de campo

Existe também na comunidade, a presença da casa de reunião, local onde são realizadas as organizações locais e também onde é recepcionado entidades governamentais que chegam em busca de interagirem politicamente com os moradores. Nesta perspectiva, fica evidente que, a organização local se delimita em espaços e pontos estratégicos da comunidade, melhorando assim o modo de vida dos moradores que residem na comunidade.



**Figura 16:** Casa de reunião  
**Fonte:** Trabalho de campo.

Como dito, é nesse espaço que os moradores se organizam nas tomadas de decisões locais e na organização das lideranças educacionais, religiosas; e de saúde. Apesar da



comunidade não ter hoje a presença de uma unidade de saúde permanente, fica à disposição dos moradores agentes de saúde comunitários que desenvolvem tais atividades que identificam as necessidades de melhorias da saúde dos moradores. Neste espaço, é realizada a nomeação dos membros da igreja e também é o espaço onde são recepcionadas as lideranças políticas que chegam na comunidade.

Por fim, como meio de comunicação, está presente na comunidade, um telefone orelhão que os moradores utilizam para comunicar-se com familiares que vivem estudando e morando fora da comunidade.



**Figura 17:** Telefone orelhão

**Fonte:** Trabalho de campo.

Esta é a uma das presenças de alguns aparatos de comunicação que fica à disposição dos moradores locais durante todo momento. Tendo em vista que, os moradores também utilizam a televisão; e os rádios de longas frequências para manterem-se informados de alguns recados de famílias e de entidades que amparam os moradores, como as colônias de pescadores e as associações do IDAM.

Sendo assim, para a construção dos vínculos comunitários dos moradores da comunidade, estes ambientes descritos acima, são de grande valor para os mesmos, uma vez que, cada ambiente tem suas funcionalidades na organização do grupo social. Portanto, os ambientes físicos, tais como: A Escola, Igreja, Casa de reunião e Orelhão Telefônico, são elementos que contribuem na melhoria de vida dos mesmos, abrindo espaço para a reprodução dos saberes e aprendizados culturais mantidos por décadas, guardando suas identidades socioculturais. Permitindo assim, a melhor compreensão do estudo aplicado sobre as atividades pesqueiras como ação praticada em longos períodos, garantindo a sobrevivência dos mesmos.



## CAPÍTULO 2 - TIPIIFICAÇÃO DAS TÉCNICAS DE PESCA COMERCIAL E DE SUBSISTÊNCIA ENTRE OS MORADORES DA COMUNIDADE

A atividade de pesca vem sendo praticada por décadas nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, ela se entrelaça mantendo técnicas e aprimorando outras, para acompanhar as frequentes mudanças causadas pelas intempéries do tempo, relacionando as quedas de barranco, as mudanças nos cursos dos rios, e o surgimentos de outros ambientes de pesca com o sumiço de outros. Os moradores das comunidades ribeirinhas, ativos na pesca, vivem desses recursos para garantirem a permanências em seus locais, e esses locais criam formas, formando as comunidades ribeirinhas do Alto Solimões.

Os moradores da comunidade de Tauarú, utilizam seus conhecimentos em uma conjuntura com os apetrechos de pesca na realização das atividades pesqueiras nos ambientes próximos da comunidade. Esses conhecimentos desenvolveram-se no decorrer do tempo, passados de geração para geração, sem ter a maneira formal de aprender as técnicas da construção dos apetrechos como também no aprendizado dos conhecimentos dos ambientes de pesca explorados pelos moradores da comunidade. O trabalho presente teve como objetivo a caracterização dos perfis socioeconômicos dos pescadores e a atividade pesqueira para a comunidade de Tauarú com tradição nas atividades de pesca, nas margens do Rio Solimões (Estado do Amazonas).

Agora vamos observar nas imagens um dos moradores realizando a atividade de pesca nas proximidades da comunidade, na captura do pescado comercial e de consumo utilizando o espinhel como a ferramenta de captura do pescado.



**Figura18:** Peixe Capturado com espinhel  
**Fonte:** Trabalho de campo



**Figura 19:** Peixe capturado com espinhel  
**Fonte:** Trabalho de campo

Este é um peixe de águas rasas, é capturado em grande escala nos períodos da enchente quando as praias e leitos estão sendo tomados pelas águas. É capturado com espinhel com iscas vivas e mortas, as iscas vivas são peixes pequenos como a cascuda, branquinha; e o sapo cururu. Já a isca morta é o minhocão, espécie de minhoca que ficam vulneráveis, é quando os moradores as capturam para realizar a pesca diversificada, sendo esta, uma isca muito apreciada por praticamente todas as espécies de peixes.

Agora vamos observar outro morador que utilizou apetrechos diferentes para capturar o pirarucu, surubim, e a pirara no período da enchente.



**Figura 20:** Pirarucu, Pirara, Surubim  
**Fonte:** Trabalho de campo



**Figura 21:** Peixe sendo limpo  
**Fonte:** Trabalho de campo



**Figura 22:** Pescado preparado para venda  
**Fonte:** Trabalho de campo.

Estas espécies foram capturadas com a utilização da poita e o espinhel, no rio da comunidade, utilizando como isca a cascuda. Nestas atividades de pesca não se usa apenas a poita e o espinhel como apetrecho de captura; usam-se também apetrechos imóveis como a malhadeira de sonda, que é utilizada na pesca do tambaqui, do surubim; e do caparari, auxiliando os pescadores na pesca em grande escala e seletiva dos tamanhos dos peixes.

Para evidenciar melhor, serão usadas as imagens que complementam essa entonação de informações sobre os apetrechos de pesca que dão auxílio para os pescadores em diversos ambientes de pesca, sendo estes utilizados em momentos específicos como a vazante, a seca, a enchente; e a cheia, momento em que as ações pesqueiras são bem seletivas e mais demoradas, forçando cada pescador explorar floresta a dentro em busca dos peixes de comercialização e consumo para tirar o sustento das famílias que vivem na comunidade de Tauarú.



**Figura 23:** Tambaqui capturado pela malhadeira  
**Fonte:** Trabalho de campo.



**Figura 24:** Peixe miúdo: Curimatã, bodó, traíra  
**Fonte:** Trabalho de campo.

Nas imagens, é possível identificar e classificar o peixe de comercializar e de consumir, sendo que todos são comestíveis para os moradores, mais como existe a necessidade de se manter financeiramente, muitos alternam pela venda dos pescados maiores e mais bonitos e assim, consumindo os peixes mais pequenos para que tenham a garantia do dinheiro para suprir outras dependências de suas famílias.

É de suma importância salientar que, a atividade de pesca, caça; e agricultura é desenvolvida por todos os moradores da comunidade, não somente na área de estudo, mais abrange todas as comunidades ribeirinhas que dependem dos recursos naturais extraídos da natureza para o sustento e a permanência destes es seus ambientes de moradia. Os ribeirinhos vivem em muitas das vezes em locais distantes e isolados das grandes cidades e metrópoles, e a maneira de identificar essa organização de modo de vida dos ribeirinhos é:

E aquele que vê na diversificação da produção, em que ocorre a combinação da agricultura, criação de gado, extrativismo, pesca e a cultura de alto consumo e alto – sobrevivência. Esta concepção pode ser utilizada para caracterizar o ribeirinho que mora isolado, isto é, distantes dos núcleos de povoamento e vilas nas margens dos rios, tanto nas várzeas como na terra - firme. Deste modo todo o varzeiro é ribeirinho, mas nem todo ribeirinho é varzeiro. (CANTO, 2007, p. 18)

Discorrer sobre tal organização é uma problemática a se pensar, pois em muitas regiões, as famílias são de baixa renda, muitas das vezes a presença governamental é extinta,

e a principal alternativa de ganhar recursos é na atividade agrícola, pesqueira; e pecuária na vida de muitos moradores ribeirinhos. Neste modelo de atividade, é possível identificar a agricultura como um forte na vida das pessoas que moram na comunidade, como representação de cultivo e da colheita, as imagens evidenciam a banana como elemento de consumo dos moradores indígenas de Taurú.



**Figura 25:** Produção da Banana  
**Fonte:** Trabalho de campo.

Dessa forma, as pessoas se organizam socialmente mantendo-se em seus locais preservando suas culturas, religiões e tradições milenares possibilitando muito no conhecimento científico medicinal da nossa região até hoje.

## 2.1 Tipificação das atividades de pesca

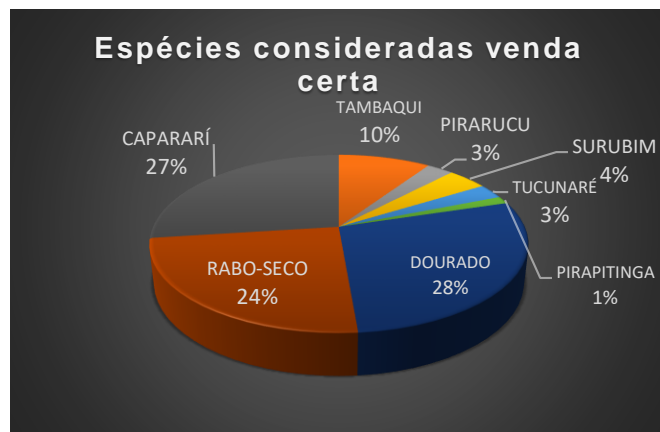
As informações trabalhadas, vieram da aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas; de uma pesquisa que usou a quantificação e qualificação dos conhecimentos dos moradores da comunidade indígena de Taurú para mostrar a importância das atividades de pesca, agricultura, caça, criação de animais; e da extração de madeira, para a manutenção de vida dos moradores, até a permanência destes nos assentamentos de terras as margens do rio Solimões, denominado como comunidade ou aldeia.

Essas informações foram coletadas e organizadas em gráficos para simplificar e dar melhor entendimento sobre o emprego das atividades na comunidade, e de como os moradores se organizam em um espaço físico geográfico que está em constante modificação causado pela natureza.





**Gráfico 01:** Identificando as espécies  
**Fonte:** Trabalho de campo



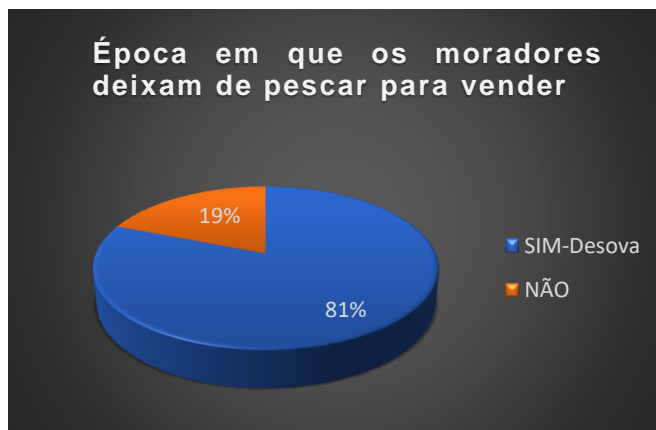
**Gráfico 02:** Fáceis de venda  
**Fonte:** Trabalho de campo

Observa-se, que, as imagens representam a atividade da pesca como um dos fatores prioritários pelos moradores da comunidade indígena de Novo Brasão. Na imagem 24, há uma relação das espécies de peixes que foram mais capturadas durante o ano de 2018 adentrando ao ano de 2019.

Já na Gráfico 01, há uma identificação das espécies que são mais atrativas aos olhos dos compradores, e de acordo com as informações acima, as espécies mais valiosas, são as que se destacam com uma porcentagem maior no Gráfico 02. Tais como: Capararí, Rabo-seco, Dourado; e o Tambaqui.

A Gráfico 03, os pescadores da comunidade, deixam de exercer as atividades de pesca comercial, no período da desova. E neste período que, os pescadores associados a colônia z24 em tabatinga-AM, recebem o seguro defeso que é equivalente à 3.998,00 reais durante os 3 meses da desova, período em que todas as espécies de peixes estão em reprodução. E é assegurado pela Lei federal N° 7.679/ 88 que regulamenta a proibição da pesca de espécies em períodos de reprodução.

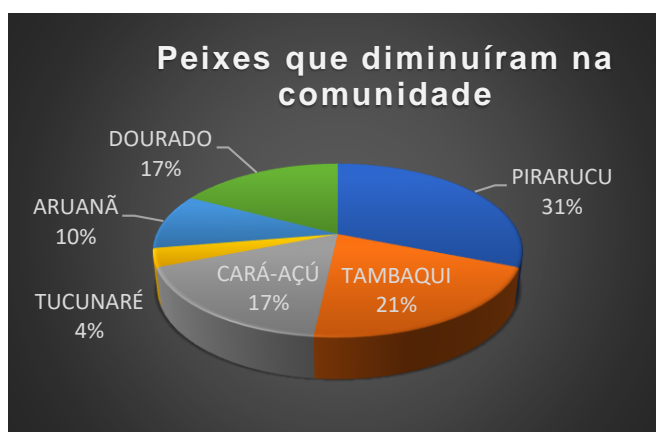
Essa lei determina que é proibido pescar em cursos d'água nos períodos em que ocorrem fenômenos migratórios para reprodução e, em água parada ou mar territorial, nos períodos de desova, de reprodução ou de defeso., a pausa da pesca comercial nestes meses, é proibida por determinação legal, os moradores deixam de pescar durante esse tempo até a liberação das espécies que estavam protegidas no período da desova, espécies que são comercializadas e consumidas pelos moradores da comunidade indígena Novo Brasão.



**Gráfico 03:** Períodos em que deixam de pescar

**Fonte:** Trabalho de campo.

Na Gráfico 04, existe a delimitação dos pescadores nos locais de pesca que diminuíram no decorrer de uma década nas regiões de lagos e ressacas próximas da comunidade. E o que tem levado a esse colapso, é a presença de muitos pescadores de outras regiões que exercem as mesmas atividades desrespeitando as normas de preservação das espécies que estão diminuindo. E as espécies são:

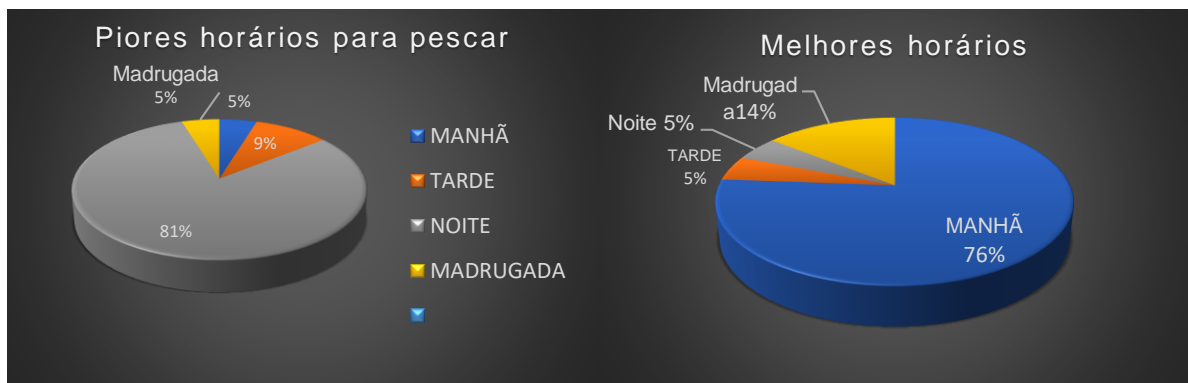


**Gráfico 04:** Diminuição das espécies

**Fonte:** Trabalho de campo.

A Gráfico 04, relata a falta de fiscalização e delimitação do espaço de pesca nas comunidades ribeirinhas, a mesma, relata os conhecimentos dos pescadores da comunidade indígena de Tauarú, evidenciando que algumas espécies como essas identificadas acima, tem tido uma decadência pela grande atividade pesqueira exercida tanto pelos moradores da comunidade, que usam esses recursos como atividade de subsistência, e por outros pescadores que veem de outras comunidades utilizando apetrechos proibidos, como o arrastão, que captura todas as espécies sem fazer uma seletiva de tamanhos pescado em áreas muitas das vezes preservadas.

Nos Gráficos 05 e 06, são esclarecidas pelos moradores como os melhores períodos, piores períodos; para a atividade da pesca na comunidade. Como a comunidade é localizada em uma área de várzea, as mudanças hidrológicas são de grande valia quando se fala das atividades pesqueiras. As cheias não são uma boa opção pelos moradores para desenvolver a pesca comercial, pois os rios transbordam e os peixes se acomodam nas restingas e nos lagos centrais, e esses locais são de difíceis acesso pela grande quantidade de árvores e arbustos aquáticos que existem nas regiões da comunidade.



**Gráfico 05:** Piores horários de pesca  
**Fonte:** Trabalho de campo.

**Gráfico 06:** Melhores horários para pesca  
**Fonte:** Trabalho de campo.

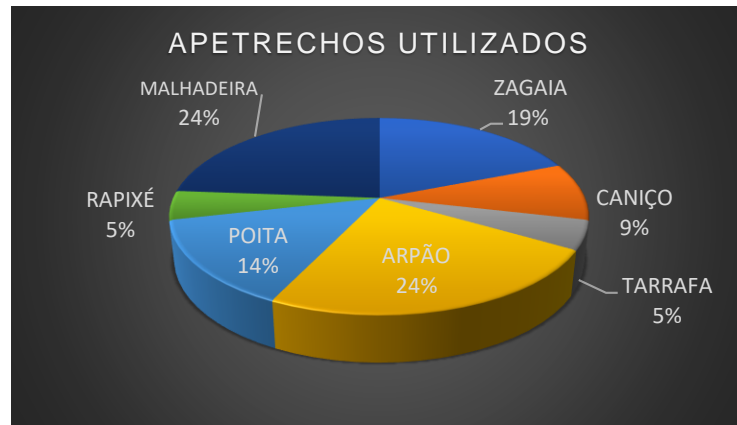
Os melhores períodos apontados na comunidade, é a enchente e a seca. Na enchente, os peixes ficam nas encostas e nos leitos das praias e são fáceis na para a captura em grande número. Já na seca, os rios baixam, e os peixes ficam represados e são encontrados com mais facilidade tanto para a comercialização como para o consumo como mostra as imagens.

No Gráfico 06, veem representando os horários mais utilizados na atividade da pesca pelos moradores da comunidade de Tauarú que desenvolvem a atividade em todos os períodos do ano respeitando apenas o período da desova. Identificados como melhores e piores horários, cada um explicitando os motivos pelos quais são apontados.

Os melhores horários são identificados como o horário onde o sol está se pondo e ainda não nasceu, que é o período da manhã, sendo que, os pescadores não ficam muito tempo exposto aos raios solares e também não ficam muito desgastados fisicamente. Já os piores horários são identificados porque causa um desgaste maior nos pescadores, quando muitas das vezes precisam utilizar desses horários para pescar e para manter os ganhos necessários que dão auxílio aos dependentes de cada família que mora na comunidade.

A Gráfico 07, representa os materiais de pesca mais utilizados pelos moradores da comunidade de Tauarú na atividade de pesca comercial e de subsistência. Esses apetrechos identificados, são as ferramentas que dão suporte a atividade de pesca em determinados

períodos e ambientes. Sendo que, os que se destacam, tais como a malhadeira, a poita e arpão, são ferramentas que são mais utilizadas na captura dos peixes comerciais, sendo que os demais apetrechos ficam escalados para capturar peixes de pequenos portes, que são caracterizados pelos moradores como os peixes para comer, tais como: curimatã, sardinha, o bodó, pacu, cará-açu; e o mandim.



**Gráfico 07:** Apetrechos utilizados na pesca  
**Fonte:** Trabalho de campo

**Malhadeira:** a malhadeira é um dos instrumentos utilizados em todos os períodos da atividade pesqueira. Salientando este instrumento, é importante dizer que, existem variados modelos de malhadeira, sendo assim, enfatizarei a malhadeira mais utilizada pelos moradores da comunidade nas atividades pesqueiras.

A malhadeira de sonda, na captura do pescado, é a mais utilizada nas atividades de pesca comercial e de subsistência. Por ser um instrumento muito bem equipado, capaz de cobrir longas distâncias em inúmeros ambientes, é esta a mais utilizada, destacando-se como a favorita nas atividades pesqueiras dos moradores da comunidade de Tauarú.

**Zagaia:** este instrumento, é utilizado na captura do pescado de subsistência, é apropriado para igarapés, lagos e igapós. Os moradores utilizam apenas em períodos específicos na comunidade, como na seca, quando os rios baixam e formam lagos, quando os rios enchem formando igapós, e quando visitam terras firmes, onde encontram igarapés, fazendo assim, a utilização do instrumento de pesca.



**Canico:** o canico é também um dos utensílios de pesca mais utilizado e adaptado para cumprir várias atividades impostas pelos pescadores da comunidade. Serve tanto para pescar iscas, como para capturar pescados de médio e pequeno porte. É fundamental para a pesca em lagos e igapós, nos espaços minúsculos e emaranhados onde as malhadeiras e outros instrumentos de longo porte não conseguem capturar o pescado.

Na condição de capturar iscas, é fundamental para pescar sardinhas, pacus e madins, peixes de pequeno porte que são utilizados para a pesca de pescados de grande porte.

Na condição de capturar pescados de médio e grande porte, é essencial para pescar piranha, aruanã, traíra, surubim, caparari, tambaqui, pirapitinga e pacu.

**Rapixé:** este instrumento, é utilizado em dois estágios fundamentais para os moradores, sendo o primeiro para armazenar iscas em longos períodos, e o segundo, para capturar duas espécies de quelônios, sendo estes: o tracajá e o iaçá.

Na atividade de armazenamento de iscas, ele fica armado em segurança de 4 varas, amarrado nas na diagonal de cada lado, dando sustentabilidade para que as iscas fiquem em contato com a água do rio pelo tempo que for necessário.

Na condição da captura dos quelônios, é armado em pontos estratégicos para assim, serem capturados. É colocado em baixo de árvores que estão submersas e troncos submersos, em ambientes de rios e igapós.

**Poita:** este instrumento é utilizado apenas em dois momentos da atividade de pesca comercial na comunidade. No primeiro momento, é quando os rios estão cheios, armadas as poitas com aproximadamente 15 anzóis, é esticada nos rios para capturar peixes de grande porte como, a pirarara, o jaú, a piraiba, e o dourado.

O segundo momento, é quando os rios estão baixando, utilizada para a mesma finalidade citada acima. Serve para capturar os pescados de grande porte e que são mais rentáveis.

**Arpão:** o arpão, é uma ferramenta fundamental que não sai da canoa dos pescadores. É muito utilizado para neutralizar grandes pescados quando são capturados nas poitas e no espinhel.

Esta ferramenta de pescaria, é também fundamental na pesca de alvo, pois com ela, os moradores perseguem grandes pirarucu subindo o rio da comunidade. É um instrumento

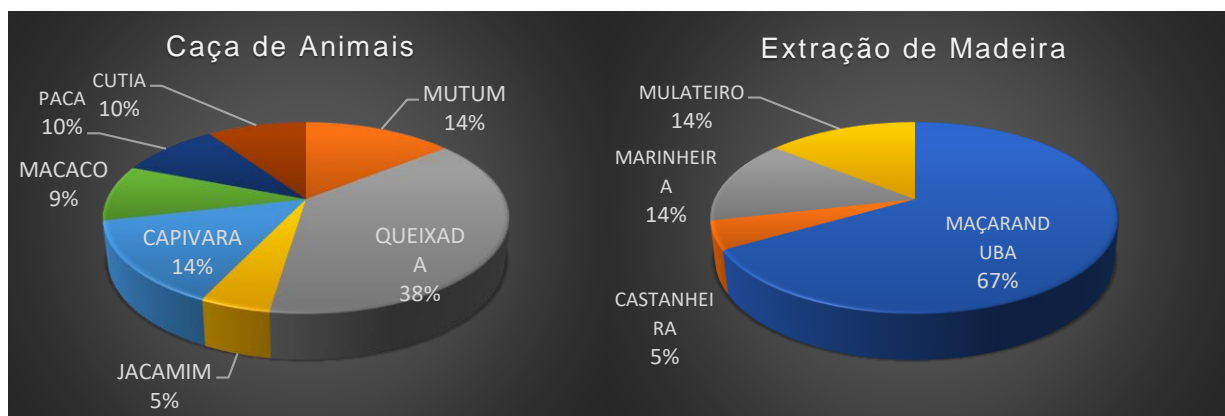
fundamental nas pescarias dos moradores. Por ser fácil de manusear, é preciso ter muito treinamento para ter precisão quando o instrumento for utilizado.

**Tarrafa:** este instrumento de pesca é um dos mais importantes para os moradores da comunidade indígena de Novo Brasão, pois é a tarrafa que garante 80% da fonte de pescado miúdo quando as outras técnicas e os outros instrumentos não surtem efeitos. É um apetrecho que não faz seletiva dos peixes, traz para a superfície toda espécie que ficar debaixo dela.

Portanto, os moradores a utilizam nos períodos da vazante e da seca. Da vazante porque os peixes ficam escassos e ficam em leitos de praias no fundo da água, aí o melhor instrumento é a tarrafa. Da seca, porque quando os rios baixam, restam grandes concentrações de lagos e poços, e nestes ambientes se concentram a maior diversidade de espécies de peixes miúdos, sendo a tarrafa um aliado fundamental para os pescadores na hora da captura dos pescados nestes ambientes.

Nas Gráficos 08 e 09, os moradores exploram recursos da natureza que dão suportes para a permanência destes em seus ambientes onde moram. Da extração de madeiras, os moradores extraem apenas o necessário para si, explorando conscientemente espécies que auxiliam nas construções de casas canoas, cercas, remos; e alguns utensílios de pesca como o caniço e o arpão.

Da caça de animais, as espécies capturas são exploradas desde o fundamento da comunidade, e os moradores desenvolvem tal atividade como uma das outras, fazendo desses recursos alimentos para sobreviverem em momentos que a pesca e a agricultura deixam de contribuir nos momentos de escassez.



**Gráfico 08:** Extração de madeira  
**Fonte:** Trabalho de campo

**Gráfico 09:** Caça de animais  
**Fonte:** Trabalho de campo

Portanto, essas atividades desenvolvidas pelos moradores, dão sustentabilidade para que os mesmos permaneçam em seus locais como guardiões dos recursos naturais e até

mesmo da nossa floresta amazônica, inibindo muitas das vezes ações predatórias e explorativas da caça de animais e de espécies madeireiras das regiões onde vivem. Tendo como aliados, entidades governamentais que dão apoio através de monitoramento e demarcação de terras indígenas e não indígenas com extensões de terras longínquas para assim manter espécies de aves, anfíbios, répteis em seus habitats naturais. Embora exista uma visão muito diferenciada em relação as tribos indígenas do Brasil, esses povos são classes que se diferenciam e muitos casos, dos brancos, muitos vivem apenas da caça, da pesca e da agricultura, garantindo a existência desses recursos para as próximas gerações dos mesmos.

Os povos indígenas ribeirinhos não são apenas pessoas que se beneficiam de recursos do governo, são grupos de pessoas que ajudam na conservação da floresta amazônica como um todo. Explorando e se beneficiando da natureza apenas o necessário, sem estrago, mantendo os mesmos princípios e os mesmos cursos do ambiente natural onde vivem.

### **CAPÍTULO 3 – OS SABERES SOBRE O AMBIENTE DE PESCA**

Os ambientes de pesca na comunidade, tem passado por grandes mudanças que afetaram diretamente na vida dos pescadores que praticam as atividades de pesca constantemente. Esses acontecimentos deram-se por motivos sensíveis onde envolve os próprios moradores com outros das comunidades próximas dando acesso para pessoas de outra região realizarem pescas, muitas das vezes predatória, desrespeitando os tamanhos e as espécies extintas na comunidade.

Este tipo de atividade pesqueira torna-se proibida pelo motivo que o material usado na atividade, é um material que não faz seleção dos peixes, captura tanto pequeno como grande, e isso afeta na produtividade das espécies uma vez que elas não conseguem chegar a fase adulta por intermédio de tais atividades. Levando em passos largos, a diminuição das espécies de peixes ali capturadas pelos moradores da comunidade de Novo Brasão.

No decorrer do tempo, os próprios moradores veem sentindo os reflexos que a pesca sem controle causou na região, e isso tem levado às dirigentes preocupações para as próximas gerações quando os principais recursos naturais com a pesca e caça, que originou a comunidade a anos atrás, vem sendo ameaçadas por terceiros. No entanto, esse tipo de atividade vem sendo desenvolvida não somente na comunidade de Tauarú, mais nas comunidades próximas os acontecimentos causam grandes danos na vida dos moradores ribeirinhos que praticam as atividades de pesca como modo de subsistência e permanência nas comunidades agrupadas as margens dos rios e igarapés do Alto Solimões.

A pesca descontrolada e sem organização de limites, ocasionou grandes impactos na vida dos moradores da comunidade de Novo Brasão, embora os mesmos consigam ainda tirar o sustento da atividade pesqueira, é importante dizer que esse sustento, nos dias de hoje, chega com mais dificuldade na mesa dos moradores em comparação com os anos anteriores. A pesca descontrolada praticada por terceiros nos lagos e nas proximidades da comunidade, causou grandes mudanças nos ambientes pesqueiros, sem terem a conscientização nos períodos da desova, o volume de pescado de várias espécies diminuiu significativamente na comunidade, gerando grandes esforços para os pescadores que vivem desta atividade na comunidade.

Sendo assim, as comunidades que dependem do pescado como modo de subsistência, buscam encontrar soluções plausíveis mediante órgãos governamentais para assegurar a fiscalização e a delimitação de espaços pesqueiros em comunidades indígenas instaladas as

margens dos rios. Com base nestas informações, iremos observar gráficos desses fenômenos na comunidade de Novo Brasão.



**Gráfico 10:** Pontos que diminuíram o pescado  
**Fonte:** Trabalho de campo.

**Lago do mínimo:** Este local de pesca que é dependência da comunidade, tem sofrido várias modificações no decorrer dos tempos, tanto pela natureza como pelo homem. Esses fatores têm elevado as problemáticas no que diz respeito as espécies encontradas ali. Estamos falando de peixes que existiam e que hoje, não existem mais. O peixe boi, por um tempo foi abundante no lago, mais com a pesca descontrolada, tanto filhotes como os grandes, entraram em extinção no local.

**Furo do Surubim:** este ambiente de pesca, por abranger vários lagos centrais, tem chamado a atenção de pescadores indígenas e não indígenas, e com isso o número de pescadores e caçadores aumentou significativamente para a compreensão das espécies que ali são encontradas. O furo abriga uma variedade de espécies de peixes, tanto comercial como de subsistência, e por ter essa riqueza natural, os olhos de muitos pescadores se animaram para pescar ali durante todos os períodos do ano.

**Praia da Loira:** Esta é uma praia que durante o verão, é palco de disputa para os pescadores lançarem suas redes de pesca, por intermédio das mudanças ocorridas no curso do rio, a fartura que ali existia, não se encontra mais. E os peixes de grande porte ainda se fazem presente somente no período da seca, depois somem no meio das galhadas de árvores imersas no leito do rio.

**Lago do Teté:** Este lago tem suas abundancias e suas escassez de acordo com o tempo. Durante o verão, é espaço para a procriação do pirarucu, tambaqui e quelônios. Este lago está caracterizado como lago de preservação pelos moradores, com o tempo, pessoas das comunidades vizinhas começaram a invadir este espaço por meio dos furos e entre as

árvores, capturando os peixes e derrubando espécies madeireira com preservação ambiental durante a noite para não chamar a atenção, e isso tem contribuído para que este ambiente entrasse em um sistema de alerta.

**Ressaca do Tupi:** Este ambiente de pesca é compartilhado por moradores da comunidade de Tauarú e da comunidade vizinha do Tupi. É um ambiente onde é possível encontrar desde o peixe de consumo até as iscas que são usadas para a captura do peixe de comercialização. É uma ressaca que fica às margens do rio Solimões ao lado direito, abrigando várias espécies de peixes que estão sumindo aos poucos. Vai desde o peixe dourado, até o pirarucu, espécies que estão sendo ameaçadas em muitos espaços de pesca na Amazônia.

**Ressaca do Barra:** este local, considerado uns dos mais fartos da região da comunidade, sofreu grande impacto pesqueiro, que deu sumiço o que foi mais valioso pelos pescadores da comunidade. Por não haver um controle gerado em nome da ressaca, muitos pescadores estrangeiros adentraram o espaço com arrastões capturando tudo que encontrassem no caminho, e isso gerou o desaparecimento do tambaqui, pirarucu, dourado, surubim, caparari, rabo-seco e outras espécies de peixes miúdo que ali eram encontradas.

A pesca é vista como uma atividade destinada basicamente pelos moradores à alimentação e o comércio, e com isso, esses locais por abrigarem variedades de espécies, tanto para comercialização como para o consumo, despertou a outros indivíduos a exploração ilegal das espécies ali encontradas gerando os fenômenos que surgiram nos ambientes de pesca da comunidade de Tauarú. Questionamentos e sugestões semelhantes a esses já foram apresentados por Isaac *et al.* (1993) em relação às restrições da pesca na região do médio Amazonas. Essa convergência de ideias pode ser um processo estruturante de novos parâmetros ou, talvez, de implementação de modelos alternativos capazes de contribuir para o aprimoramento da gestão dos recursos pesqueiros da região.

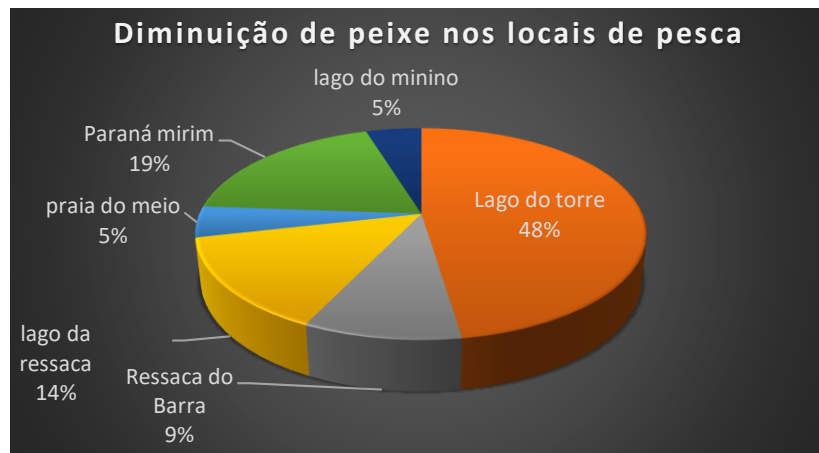
Outra questão muito importante abordada pelos moradores de Tauarú, é que no meio desses acontecimentos, pessoas caracterizadas como “pessoas de fora da comunidade”, desenvolvem as atividades de pesca na região da comunidade sem controle. E esses fenômenos causam muitos problemas para aqueles que dependem da pesca para viver.

Ribeiro e Fabr  (2003), Batista *et al.* (2004) Issac e Cerdeira (2004) analisam de maneira detalhada essa situa o, ao mesmo tempo em que advogam a a o de  rgoos governamentais, como o Ibama e de organiza oes n o governamentais para apoiar as lideran as locais na resolu o dos problemas enfrentados com a gest o compartilhada dos recursos.

Embora as intenções sejam boas e o caminho certo seja esse, há que se considerar que os acordos de pesca ainda se encontram em fase de experimentação, têm ação localizada e, em alguns casos, suscitam dúvidas quanto à sua legalidade formal, não sendo, portanto, um mecanismo capaz de fazer frente a uma situação mais generalizada e que requer solução de longo prazo.

Assim no Gráfico 11, representa-se as grandes mudanças nos locais de pesca da comunidade. Esses locais são aqueles conhecidos como os locais da pesca comercial, é onde se captura os peixes de grande porte, que são comercializados em toda a atividade pesqueira desenvolvida pelos moradores. Localizações que são reivindicadas pelos pescadores mediante organização social juntamente com a comunidade e seus líderes.

Esses locais conhecidos pelos moradores, são os principais pontos onde se desenvolve as atividades de pesca mais intensa no que diz respeito a comercialização do pescado na comunidade. Para isso, é de fundamental importância a urgência da delimitação e organização dos locais de pesca das comunidades indígenas ribeirinhas do Alto Solimões. Garantindo assim, a sobrevivência e a permanência, dos dependentes desses recursos, e também auxiliando esses guardiões com recursos necessários para que continuem em ambientes distantes e inóspitos da Amazônia, ajudando como guardas de riquezas biológicas e minerais do país.



**Gráfico 11:** Locais que estão diminuindo o pescado

**Fonte:** Trabalho de campo.

Esses ambientes geograficamente mostrados, representam significativamente a um padrão elevado de problemáticas para a comunidade de indígena de Taurú. Com isso, será feito uma descrição de cada espaço de pesca, identificando por lagos e ressacas, os problemas ocorridos nesses ambientes de pesca.

**Lago do Mínimo:** Este ambiente por abrigar espécies variadas de peixes, teve seus momentos de glória e fartura quando não era despescado em grande escala. Como citado acima, é um ambiente de pesca que fica em dependência da comunidade, e ao longo do tempo, sofreu várias modificações causadas pela natureza e pela ação do homem, levando assim, o sumiço das inúmeras espécies que eram encontradas ali, tais como: O peixe-boi, por ser tão procurado por pescadores, e por sofrer uma caça predatória servindo de isca na captura da pirabutaba, entrou em extinção total deste ambiente.

**Paraná Mirim:** Este ambiente de pesca apontado pelos moradores, é um dos ambientes que abriga os grandes pescados que são rentáveis para a venda. Neste espaço, é possível encontrar a tartaruga, as variadas espécies de bagres, o surubim, caparari e o tambaqui. Ambiente este, que ainda continua dando seus frutos benéficos para os pescadores, diferentes de outros que estão em decadência.

**Praia do Meio:** A praia do meio, é o espaço onde os pescadores realizam as atividades de pesca de subsistência, mais com o passar do tempo, não abriga mais a quantidade de peixe que antes era encontrada. Hoje é possível capturar apenas os peixes miúdos que, hora são comercializados e hora são consumidos. Peixes estes, conhecidos como: Curimatã, Pacú, Bodó, Matrinchã, Sardinha, Peixe-cachorro, Pirapitinga e o Jaraqui.

**Lago da Ressaca:** Este lago é considerado pelos moradores, o lago que os alimenta, durante todo o ano, no período da seca, abrigada todos os tipos de pescado e animais, vai desde o pirarucu como pescado até os animais como a capivara. E isso tem chamado a atenção de pessoas que não fazem parte daquela área residente, moradores indígenas do outro lado do rio, invadem e saqueiam o lago em momentos oportunos onde não é possível investigar pelos moradores da comunidade de Tuarú. Com isso, os peixes deixaram de aparecer como antes, as aruanãs estão diminuídos pelo fator da pesca comercial de seus alevinos, que são vendidos para colombianos que chegam nas comunidades explorando esses recursos.

**Ressaca do Barra:** Este ambiente, teve como principal perda, o desaparecimento de espécies que já forma encontradas ali e que hoje não são encontradas. O tambaqui, o pirarucu e o dourado, sofreram perdas significantes em números, levando ao conhecimento dos pescadores de Tuarú, o desaparecimento das espécies, causando preocupação para todos os moradores locais.

**Lago do Torre:** Este lago, é o espaço onde os tucunarés são encontrados com mais facilidades pelos moradores, por ser um ambiente muito central e de difícil acesso, é um espaço explorado com muita intensidade que acaba gerando impacto significativo na escassez

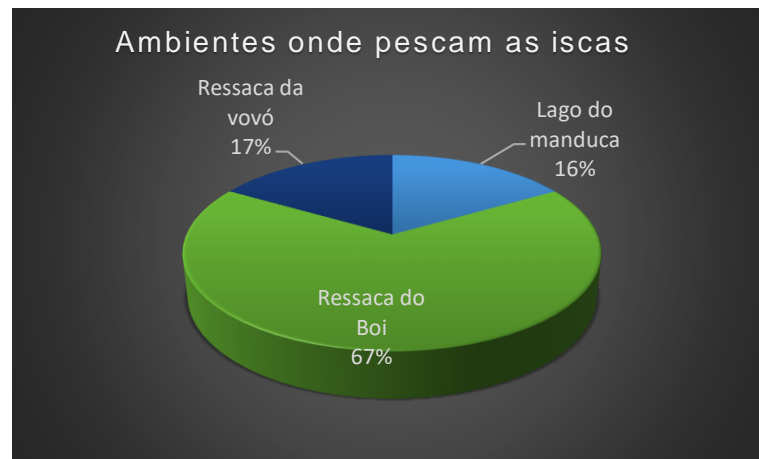


de peixes que são encontrados ali, embora tenha as dificuldades de se chegar em seus espaços, pessoas não indígenas adentraram a floresta, abrindo espaços em meio a mata fechada até chegar ao lago e saqueando várias espécies, tais como o pirarucu e o tambaqui. Deixando apenas vestígios da ação que realizaram.

Estas informações inseridas, representam a diminuição das espécies que são comercializadas pelos moradores da comunidade de Tauarú. É importante salientar que esses fenômenos não se configuram apenas na pesca descontrolada por pessoas de dentro e fora da comunidade, também está relacionada a tais atividades que envolvem as mudanças dos cursos dos rios, derrubadas das encostas, causadas pelas quedas de barranco; e a destruição de nascentes. Todos esses problemas causaram na comunidade essa mudança na quantidade de pescado capturado pelos moradores.

Além das dificuldades inerentes a esses setores específicos, a pesca na comunidade de Tauarú, em seu sentido amplo, enfrenta outros problemas relativos à insuficiência de recursos humanos e financeiros por parte dos representantes legais e, talvez mais importante, à falta de conscientização dos atores da pesca e da sociedade em geral sobre a real importância da preservação e uso responsável dos recursos pesqueiros e do meio ambiente como um todo.

Iremos observar o Gráfico 12, onde representa os ambientes que são capturados as iscas utilizadas na pesca comercial.



**Gráfico 12:** Locais de captura das iscas

**Fonte:** Trabalho de campo.

Estes ambientes, não tiveram impactos de perdas significadas das espécies, por estarem muito próximas da comunidade, se torna mais difícil a invasão de pessoas de fora explorando sem controle os benefícios preservados e controlados pelos moradores. Esses ambientes mostrados acima, identificados em porcentagens, são aqueles onde abrigam

espécies e onde são mais visitados pelos moradores da comunidade. Agora veremos descritos cada ambiente.

**Ressaca da Vovó:** A ressaca fica em frente da comunidade, abrigando iscas e pescados de médio porte. As iscas encontradas ali, são utilizadas para capturar peixes de grande porte. As iscas encontradas são: cascuda, branquinha, piau, pacu, bodó e curimatã.

**Ressaca do Boi:** É o ambiente mais visitado pelos pescadores da comunidade para capturar as iscas vivas utilizadas na pesca comercial. Por ter em abundância os tipos de iscas utilizadas, é um ambiente de procriação que todos os anos fazem a reposição, na época da desova, as iscas capturadas. Por ser um ambiente rico, é o mais visitado pelos moradores da comunidade indígena de Tauarú.

**Lago do Manduca:** Este lago, é visitado quando as ressacas se inundam com a cheia, com isso, os pescadores buscam lagos como estes, em busca de iscas para realizarem as atividades de pesca comercial. Portanto, não se encontra iscas somente iscas vivas, mais também é possível encontrar o minhocão e o muçu, utilizados na pesca noturna pelos moradores da comunidade. Os muçus, nas partes rasas do lago, o minhocão, nas partes de terras úmidas do lago; e as iscas vivas, em todo ambiente de água do lago.

### **3.1 Representação dos Territórios de pesca entre os moradores da comunidade**

A importância sobre a arte da pesca na comunidade de indígena de Tauarú, é uma atividade permanente e de grande valia que é praticada desde a fundação da comunidade. Sendo adaptada de acordo com as exigências locais e com as dificuldades surgidas no decorrer do tempo, causadas pelas mudanças dos rios e pela intensiva atividade pesqueira por terceiros.

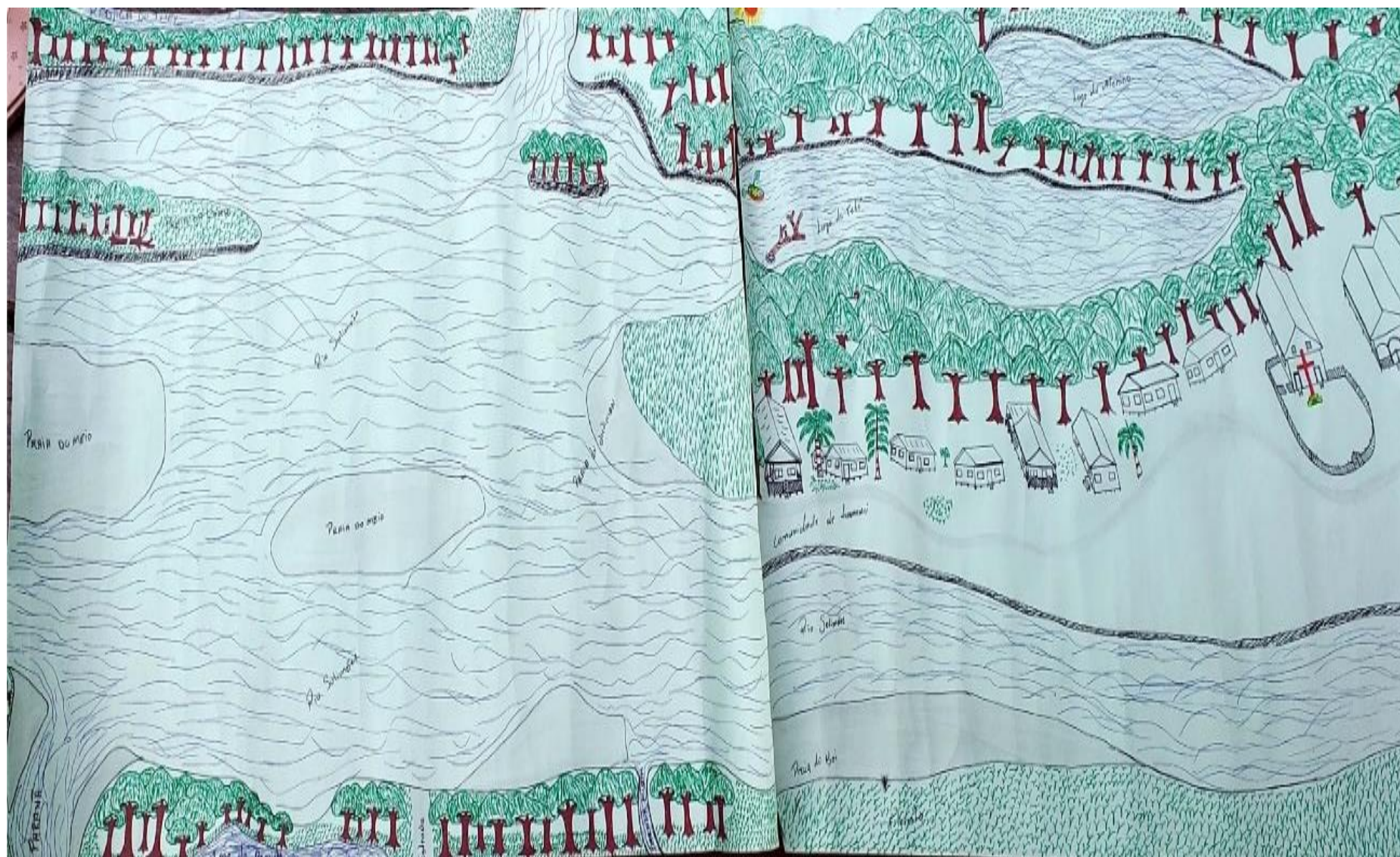
Os reconhecimentos, e os saberes dos ambientes de pesca, é uma corrente internamente gravada dentro de cada morador ativo na pesca, transmitindo para suas linhagens de acordo com o tempo e com a ação direta dos membros envolvidos na atividade pesqueira. Os saberes, permeiam a vida de cada morador com a necessidade de se reinventarem mediante as dificuldades enfrentadas no local de vivência, envolvendo mudanças climáticas e as intempéries do tempo que chegam a cada ano modificando paisagens e modo de vida de cada morador do Alto Solimões.

Os moradores interpretam a utilização dos espaços de pesca como ambientes relativamente diferenciados um dos outros, com conhecimentos e técnicas de pesca unicamente usadas em cada ambiente. Utilizando como recursos da captura, apetrechos

confeccionados de acordo com os conhecimentos aprendidos no meio social onde vivem. E estes espaços físicos e geográficos de pesca da comunidade, está ligado diretamente com o modo de vida dos moradores, dando sustentação com os recursos necessários para que consigam administrar suas vidas com os benefícios concedidos pela atividade de pesca e a agricultura desenvolvidas pelos moradores.

Vamos observar o mapa descrito pelos moradores apontando casas e pontos representativos na construção da mesma.

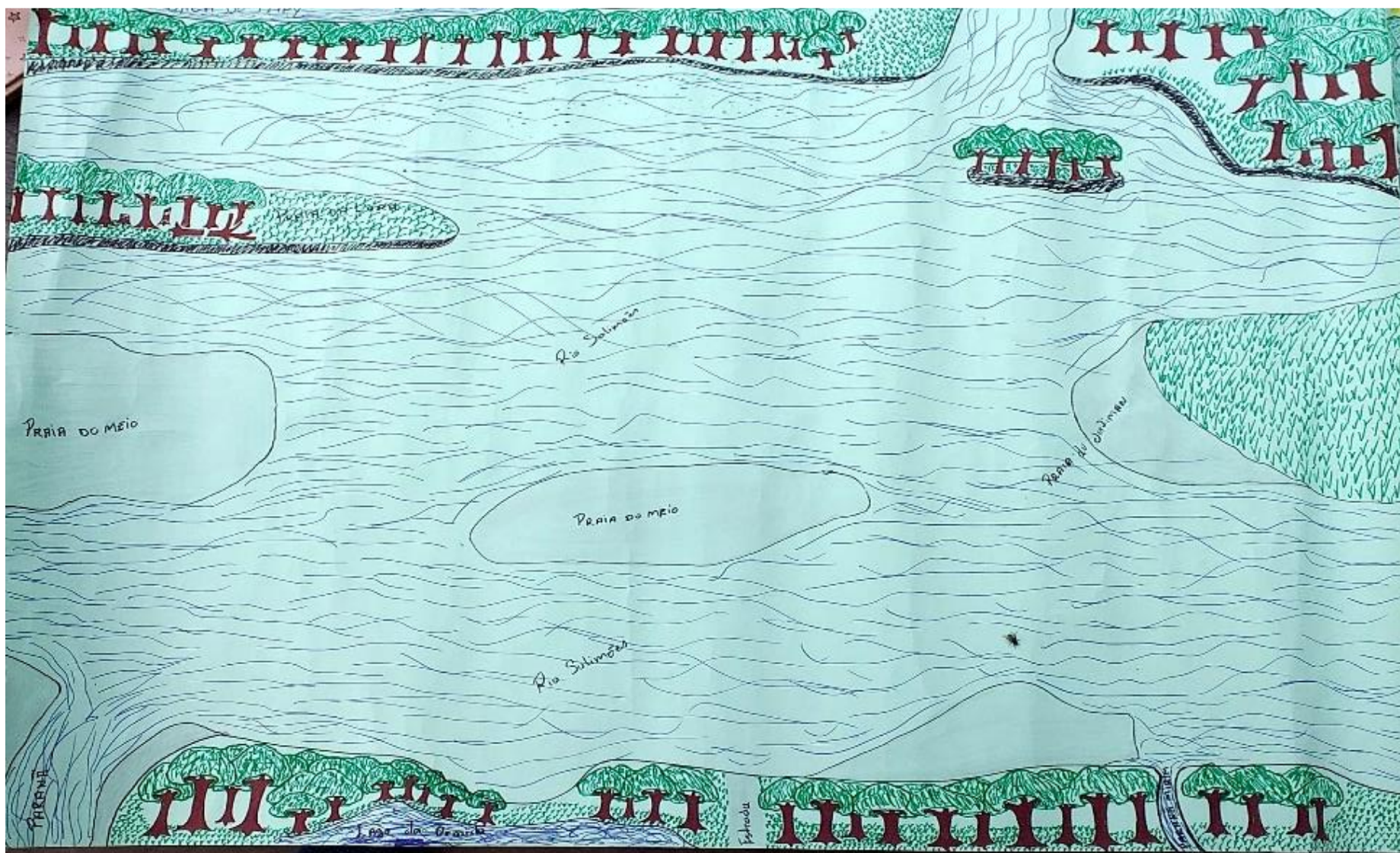
Este mapa mostra partes da comunidade e sua organização como um todo. Na imagem é possível observar a igreja, as casas, e espaços físicos que auxiliam na organização e apontamento das lideranças da comunidade. É possível observar os pontos de pesca apontados pelos moradores e como são organizados simbolicamente nas proximidades.



**Figura 26:** Descrição da comunidade

**Fonte:** Trabalho de campo





**Figura 27:** Pontos de pesca  
**Fonte:** Trabalho de campo.

Cada ponto desses demarcados, são lagos e ressacas, praias e paranás, onde os moradores ativamente desenvolvem as atividades de pesca comercial e de subsistência para garantirem os recursos necessários para a sobrevivência destes na comunidade indígena de Tauarú. No entanto, é uma representação simbólica que aponta a comunidade e os locais de pesca identificados pelos moradores como os pontos mais visitados e os pontos que estão em decadência pela grande atividade pesqueira realizada por moradores e não moradores da comunidade.

Esta imagem representa os locais de pesca próximos e os distantes da comunidade, é possível identificar pontos como a praia da lora, praia do meio, e os demais ambientes na imagem. Pontos estes que, embora estejam nas proximidades da comunidade, não são seguros, uma vez que outras pessoas adentram e realizam atividades pesqueiras proibidas. Desrespeitando todas as normas legais de preservação das espécies e da sustentação das mesmas.

Estas áreas de pesca, tem importância significativa para os moradores da comunidade, uma vez que elas estão ligadas diretamente com o contexto histórico da mesma, são recursos explorados que dão segmento da trajetória de vida dos moradores até aos dias de hoje, embora estejam sofrendo grandes explorações e mudanças naturais, ainda assim, permanecem dando o que mais se tem de melhor, os peixes, alimentado um grupo que vive as margens do Rio Solimões há mais de oito décadas.

Portanto, economicamente falando, esses ambientes de pesca, são os principais aliados na construção de renda dos moradores, sendo a principal atividade desenvolvida juntamente com a agricultura e a criação de animais domésticos, dão seguimento a história de vida e os etnosaberes da comunidade indígena Tauarú garantindo assim, uma nova geração de pessoas com a presença da atividade pesqueira nas proximidades da comunidade, com o objetivo desenvolver novos conhecimentos e habilidades nas atividades pesqueiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo sobre a comunidade indígena de Novo Brasão antigo Tauarú, pertencente ao Município de Tabatinga-AM, o trabalho atentou-se para o modo de como os moradores se organizam e se identificam em seu meio social distante das grandes cidades e municípios. Ao reproduzirem suas religiões, culturas, atividades pesqueiras e agrícolas, a comunidade é definida pelo seu modo de vida as margens do Rio Solimões, e por tirarem seus sustentos constantemente da natureza, explorando rios, lagos, igarapés, ressacas e florestas da Amazônia.

As margens do Rio Solimões, se instaurou a comunidade indígena de Novo Brasão, e hoje é estudada apresentando suas bases estruturais que deu origem ao pequeno contingente indígena da comunidade. aprimorando saberes, aderindo religião e se aperfeiçoando nas atividades cotidianas de um ribeirão interagindo com a natureza, a comunidade se aperfeiçoou nas atividades da pesca, agricultura, extração de matéria prima, e a caça de animais, atraindo grandes números de pessoas para seu entorno, tanto brasileiros, como estrangeiros, na esperança de encontrar na Amazônia um porto seguro para viverem com suas famílias, explorando também, a natureza como principal atividade praticada pelos mesmos. Superando grandes mudanças, a comunidade sofreu com as intempéries do tempo, perdendo grande parte de seus moradores, hoje ela ainda subsiste alimentado e dando vida a uma nova geração deixada pelos seus antepassados.

Aderindo também a participação governamental na comunidade, seus frutos foram a inserção de seus filhos na educação, permitindo aos mesmos, uma oportunidade de conhecer o mundo de outras formas, aprimorando saberes e aprendendo outros, para assim, serem participativos na construção de uma nova identidade e cooperadores para o reconhecimento da comunidade para o mundo, dando a comunidade de Novo Brasão, a oportunidade transmitir seus modos de vida e suas técnicas de aprendizagem, para muitos.

No entanto, a grande importância na vida dos moradores da comunidade ribeirinha de Novo Brasão é a atividade pesqueira, sendo a primeira praticada pelos seus antepassados, sendo também até hoje, a atividade primordial para que os seus filhos continuem nesse pequeno cantinho formado no meio da natureza e as margens do Rio Solimões, transmitindo os saberes, aprendendo outros, como estratégia de manutenção do modo de vida local e de reprodução material e simbólica de vida.

Embora nos deparamos com visões preconceituosas, é necessário criar conscientização de que esses pequenos grupos fazem parte de uma demanda muito importante para o nosso país, sendo eles, pequenos guardiões da Amazônia, inibindo em muitos casos, a presença de exploradores estrangeiros com visão de lucro. Portanto, embora a comunidade indígena de Novo Brasão antigo Tauarú, esteja passando por muitas mudanças humanas e de fenômenos hidrológicos, é possível ver ainda resistência para dar continuidade em uma história que começou por seringueiros cearenses e ticunas brasileiros dando origem a sociedade indígena vivente da comunidade de Novo Brasão.



## REFERÊNCIAS

- BATISTA, V. & FABRÉ, N. A pesca e o peixe na várzea: espaços, conflitos e conservação in: BATISTA, V. & FABRÉ, N. **Sistemas Abertos Sustentáveis – SAS: uma alternativa de gestão ambiental na Amazônia**, Manaus: EDUA, 2003.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural - 2010**. Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural - 2012.
- CANTO, O. **Várzeas e Varzeiros da Amazônia**. Belém: MPEG, 2007.
- COSTA, João Batista de Almeida. A (Des) Invisibilidade dos Povos e das Comunidades Tradicionais: A Produção da Identidade, do Pertencimento e do Modo de Vida como Estratégia para Efetivação de Direito Coletivo.
- GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Biblioteca Vértice 1990.
- ISAAC, V. J. “Considerações sobre a legislação da ‘piracema’ e outras restrições da pesca na região do médio Amazonas”. **Povos das Águas – realidade e perspectivas na Amazônia**. Belém, MCT/ CNPq/ MPEG, 1993, pp. 188-211, 292 p.
- ISAAC, V. J. e CERDEIRA, R. G. P. **Avaliação e monitoramento de impacto dos acordos de pesca**. Pro Várzea. Manaus, Ibama, 2004, 61 p.
- MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia Alemã – Feurbach**, São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MUTH, R. M. Subsistence and artisanal fisheries police: an assessment. In: MEYER, R. M; ZHANG, C; WINDSOR, M. L; McCAY, B. J. e HUSJAK, L. J. **Fisheries resource utilization and policy. Proceeding of the world fisheries congress, theme 2**, New Dheli: Oxford & Publishing concluído. Pvt. Ltd; 1996.
- PEREIRA, H. S. A dinâmica da paisagem socioambiental das várzeas do rio Solimões Amazonas. In: FRAXE, T. J. P. (org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.
- PETRERE JR. M. A pesca comercial no rio Solimões-Amazonas e seus afluentes: análise dos informes do pescado desembarcado no mercado municipal de Manaus (1976-1978). Manaus: **Ciência e cultura**, 1985.
- PETRERE JR; M. **Fisheries in large tropical reservoirs in South América**. Lakes & Reservoirs: Research and Management, 1996.
- PETRERE JR; M. River fisheries in Brazil: A review. **Regulated Rivers**, 1989.
- RAPOZO, P. **Territórios sociais da pesca no Rio Solimões: usos e formas de apropriação comum dos recursos pesqueiros em áreas de livre acesso**. Manaus: EDUA, 2015.

RIBEIRO, M. e FABRÉ, N. N. *Sistemas abertos sustentáveis – SAS. Uma alternativa de gestão ambiental na Amazônia*. Manaus, Edua, 2003, 243 p.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**, São Paulo: Atlas, 1987.

WITKOSKI, A. C. **Terras, florestas e águas trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais**. Manaus: Edua, 2007.